

## Introdução

Se olharmos actualmente para a nossa sociedade, destaca-se uma alteração de valores relativamente à forma de compreender a mulher e a criança. A emancipação da mulher é um facto que, para além de conduzir a alterações socioeconómicas, expressa modificações profundas na própria maneira de ser e de estar da mulher nas sociedades actuais. Estas transformações conhecidas nos últimos 20 anos induziram as mulheres a terem cada vez mais actividades fora de casa, adquirindo novos direitos, novas responsabilidades e uma nova imagem, Portugal, (1998). É de salientar que este facto tem vindo a exercer algumas repercussões no comportamento familiar, uma vez que tanto a mulher como o homem tardam o casamento, bem como o aparecimento dos seus filhos, e optam por um reduzido número de filhos por casal. Segundo a base de dados de Portugal contemporâneo (PORDATA), a idade média para o casamento no sexo masculino alterou de uma percentagem de 27,3(%) para 30,2(%), sendo que no sexo feminino verifica-se também um adiamento relativamente ao casamento nos últimos dez anos, modificando-se de 25,6(%) para 28,6(%). Outro dado estatístico a salientar é a dimensão média das famílias que reduziu de 3,3(%) indivíduos para 2,7(%) indivíduos no ano 2010.

O aparecimento de um novo membro na família constitui uma nova etapa na vida do casal. Será que todos os pais estão preparados para este novo desafio? Que apoio é prestado pela comunidade e como é que esta promove a sua chegada? A maioria dos pais, se não todos, meses após o nascimento, vêem-se privados de estar com o seu bebé porque têm de trabalhar e é chegado o momento de o colocarem numa creche. Como é gerido este processo de separação? Existem angústias, inseguranças, medo do desconhecido. De que forma é gerido este processo pelos pais e como eles promovem a sua própria adaptação e a do bebé a um mundo novo? E a creche, que condições reúne para receber e integrar estes pais e estes bebés na transição para uma nova etapa? De que modo se promove o bem-estar da criança na creche num período de adaptação? São questões actuais e um processo multifactorial que não depende somente das competências de uma educadora e instituição, mas também da criança e pais. Neste sentido, coloca-se uma questão de partida para esta investigação: Como realizar o processo de separação da família e integração na creche que vise o desenvolvimento e bem-estar da criança dos 0-12 meses?

Ao investigar estes processos, pretende-se compreender de que modo estes factores influenciam a adaptação do bebé à creche e consequentemente o seu bom desenvolvimento. Para tal, apontam-se alguns objectivos gerais nomeadamente caracterizar os principais itens de desenvolvimento da criança dos 0-12 meses, focando aspectos da gravidez; conhecer diferentes padrões de vinculação; perceber de que modo a ligação mãe/bebé interfere na adaptação do bebé ao ambiente de creche; compreender o processo de separação do bebé à figura parental; perceber se a creche é promotora de bem-estar para a criança; estabelecer critérios de promoção de qualidade dos cuidados e interacções; conhecer estratégias e tipos de intervenção pedagógica por parte do educador com vista à integração e adaptação do bebé e determinar orientações e formas de intervir com a família, de modo a facilitar este período de transição.

O interesse por esta temática deve-se sobretudo à pouca informação existente na valência da primeira infância disponível a profissionais de educação, para melhor interagirem com os bebés e pais a vivenciarem um período de transição tão marcante nas suas vidas. Pretende-se que esta investigação venha de algum modo contribuir para a qualidade na educação.

A elaboração deste projecto baseia-se essencialmente na metodologia de investigação-acção, através da contextualização, aplicação de instrumentos, análise e sistematização da informação recolhida para perspectivar a respectiva acção.

A investigação em curso encontra-se dividida em três partes, sendo a primeira o enquadramento teórico que tem por base uma revisão bibliográfica sobre a temática onde vários autores apresentam as suas perspectivas. Na segunda parte constituída pelo estudo empírico, encontra-se a metodologia de investigação; o modelo racional teórico; os objectivos da investigação; a amostra constituída por bebés em berçário, seus pais e educadores de infância e neste ponto é feita também uma breve caracterização das instituições onde foram recolhidos os dados. De seguida apresentam-se os instrumentos de avaliação aplicados, que consistem em grelhas de observação, questionários, entrevistas e a técnica *focus group* e no seu seguimento são explicados todos os passos dados na obtenção de resultados que constitui o procedimento da investigação. O ponto seguinte consiste na respectiva apresentação dos resultados dividida em dois momentos, o Estudo I e Estudo II, representados quer de uma forma expositiva quer em quadros síntese e por fim a análise e discussão dos mesmos resultados. Na terceira parte, é apresentada a proposta de um Projecto de Intervenção no qual se propõem acções a

desenvolver com pais de filhos em creche, pais da comunidade em geral e profissionais de educação na área da separação e adaptação à creche. Para finalizar é apresentada uma conclusão perante todo o processo de investigação, desenvolvimento e proposta de intervenção no âmbito da separação da família e adaptação à creche.

## **Parte I – Enquadramento Teórico**

### **1. Desenvolvimento da criança dos 0-12 meses**

A experiência do nascimento é considerada de grande importância, não só para os pais, mas de um modo especial para o bebé. Mesmo antes de nascer, a criança mostra competências físicas e emocionais, de tal forma que poder-se-á falar de comportamentos indicadores de personalidade. Segundo alguns autores, o sentido táctil começa a funcionar na criança antes de qualquer outro sentido. Às 28 semanas, um objecto pesado sobre o útero leva o bebé a dar pontapés para afastá-lo, sendo este um comportamento indicador de auto-defesa/protecção. O sentido do paladar está desenvolvido na 24<sup>a</sup> semana, pelo que a criança neste período gestacional já distingue o doce do amargo. A sua capacidade para ouvir já é aguda e bem desenvolvida ouvindo principalmente ruídos de fundo do seu ambiente entre as 26 e 28 semanas. Escutar uma música suave ao longo da gravidez apresenta vantagens, pois ao tornar a escutá-la na sua caminhada após o nascimento, o bebé fica mais calmo. Isto revela que existe continuidade entre a vida fetal e pós-natal, (Ziegel e Ceranley, 1985).

Pelas 16 semanas a maturidade morfológica visual está completa apesar de só piscar os olhos mais tarde e só os abrir na 25<sup>a</sup> semana. Porém, no final da gestação o bebé distingue bem a luminosidade da escuridão. Também por volta da 16<sup>a</sup> semana, a maturidade dos receptores olfactivos está quase completa e várias experiências mostram que enquanto recém-nascido já reconhece o cheiro da sua mãe. Todas estas competências são comportamentos reflexos que permitem ao bebé a adaptação ao meio.

O nascimento é um momento de separação, de mudança de estado, o bebé sai do mundo aquático e é o primeiro choque físico e emocional a que a criança é submetida. Durante o parto, o bebé experimenta momentos de grande prazer, pois o seu corpo é massajado pelos músculos e líquidos maternos, alternados com dor e medo. Curiosamente não nos lembramos do próprio nascimento, pois dá-se uma amnésia posterior em relação ao isso.

O estado emocional da grávida ao longo da gestação é determinante no momento do parto tanto quanto a sua saúde física, pois as emoções que foram sendo despertadas durante os meses de gravidez, as expectativas em relação ao bebé, o seu sexo, condições de saúde, relacionamento da própria mãe e avó da criança, conflitos, ansiedade, medos, preocupações, raiva, depressão, entre outros, tudo deve ser levado em conta com

atenção e cuidado, uma vez que influenciam o desenvolvimento do bebé ao perturbarem o seu isolamento, exigindo do feto uma reacção.

Segundo Piaget (1999), a criança entre os 0-12 meses de idade adapta o seu comportamento a situações específicas de forma intencional que consiste em repetir acções aprendidas explorando objectos para atingir um objectivo – reacções circulares terciárias. Inicia a linguagem e descobre a função dos objectos.

É um período em que a inteligência é prática, anterior ao pensamento e à linguagem. Está bem vincado o conceito de permanência do objecto (quando um brinquedo desaparece do campo de visão da criança é como se tivesse deixado de existir), sinal da emergência da capacidade de representação simbólica.

Segundo Wallon (1977), o bebé nesta faixa etária, situa-se no estágio sensório-motor em que manipula objectos e explora símbolos, tem comportamentos de orientação e representação, isto é, pratica actividades circulares globais. Vivem num mundo de sensações tácteis, conhecem tudo através dos sentidos, do corpo, adoram levar coisas à boca, seguir um objecto com o olhar, ouvir sons. Descubrem o mundo com aquilo que têm ao alcance. Apropriam-se da linguagem do corpo e comunicam através do toque, do choro, riso, palreio, entre muitas outras demonstrações.

De acordo com Rojo (2006), a criança no período entre os 4-6 meses quando se senta não deixa cair a cabeça para trás. Indica um controlo progressivo da cabeça, pescoço e ombros. De barriga para baixo, com os braços estendidos, levanta o tórax, o que vai permitir-lhe observar melhor o mundo que a rodeia e alcançar objectos. Mantém-se sentada com apoio e ajuda, agarra objectos levando-os à boca. Muda da posição de barriga para cima para a posição de costas e vice-versa e olha para as pessoas que se movem. Pode ver mais longe e prefere olhar para as pessoas do que ver os objectos. Passa objectos de uma mão para a outra mostrando capacidade para manipular objectos e coordenar ambos os lados do corpo.

Volta-se ao ouvir o seu nome, emite sons para atrair a atenção do adulto, pois é uma forma de comunicar e de captar a atenção dos outros. Vocaliza sílabas, gosta que lhe façam brincadeiras, visto que quando o adulto brinca com a criança, esta responde positivamente aos contactos e estímulos, tão necessários para o desenvolvimento de todas as suas faculdades. Responde ao tom de voz e ao gesto dos outros e se ao princípio as emoções do bebé deviam-se essencialmente às necessidades do seu corpo,

agora apercebe-se do aborrecimento ou alegria expressos por outras pessoas e reage de acordo com elas.

No período seguinte entre os 6-9 meses, a criança senta-se sozinha sem apoio, com as costas direitas e consegue brincar. Quando consegue a posição sentada, a criança amplia o seu campo de experiências. E ao poder brincar com objectos nesta posição, demonstra que alcançou um bom nível de equilíbrio. Arrasta-se sobre o abdómen adquirindo novas possibilidades de conhecer o mundo. Segura-se de pé com apoio, o que indica um bom tonos muscular e força nas pernas.

Durante os primeiros meses de vida, o bebé não se apercebe que os objectos que não vê existem, mas neste momento já procura um objecto que cai fora do seu campo visual, o que indica avanços na sua compreensão da permanência dos objectos. Na motricidade fina utiliza o polegar e o indicador para a apreensão dos objectos, leva alimentos à boca e passa um objecto de uma mão para a outra, revelando progressivamente a sua evolução.

Começa o jogo de imitação ao imitar palmas e fazer adeus, reconhece uma voz familiar, o que demonstra discriminação auditiva para a aprendizagem da língua falada e para as competências sociais.

Seguidamente no período entre os 9-12 meses, a criança começa a gatinhar. Ao deslocar-se, adquire novas possibilidades de conhecer o mundo e por vezes a criança gatinha depois de andar. Anda com ajuda, segurando-se a móveis ou agarrada pelas mãos, agacha-se e pode voltar a parar sozinha, demonstrando um bom equilíbrio e coordenação. Encontra um objecto escondido debaixo de um pano e contrariamente aos meses anteriores, já sabe que o que se escondeu debaixo do pano continua lá, embora não o veja nem o tenha ouvido cair. Constitui uma grande evolução ao nível cognitivo.

Repete sons da linguagem e imita gestos. É capaz de reproduzir movimentos simples ao observar um gesto ou ouvir uma palavra e isso favorecerá a aquisição da linguagem e de outras aprendizagens. Joga à bola com outra pessoa, pois sabe que lha vão devolver. Diverte-se brincando às escondidas com outra pessoa e entende que a outra pessoa existe, embora não a veja, e fica contente de a ver outra vez. Dá início às primeiras palavras faladas com significado (papá- mamã- babá- tatá).

Pais e educadores assumem um papel fundamental no desenvolvimento da criança e principalmente no bebé desde o seu nascimento, pois é a partir deste momento que se estabelecem as primeiras interacções com o mundo exterior. Não menos importante é o

período do seu crescimento e desenvolvimento intra-uterino como já vimos, pois mesmo ainda na barriga da mãe, o bebé ouve e recebe estímulos que lhe provocam sensações.

## **2. Promoção de qualidade dos cuidados e vinculação em crianças dos 0-12 meses**

O nascimento de um filho é, habitualmente considerado como um dos acontecimentos mais importantes e marcantes da vida dos indivíduos e da família. No entanto, e apesar de considerado um acontecimento normativo no ciclo de vida de uma família (Boss 2002), pode ser uma fonte de stress pelas exigências de prestação de cuidados, pela reorganização individual, conjugal, familiar e profissional que exige, bem como uma fonte de grande satisfação, pela reorganização pessoal que promove, pelo novo significado que atribui à vida dos pais e pela aproximação que pode causar nos membros do casal e da família em geral (Canavarro e Pedrosa, 2005).

Muitos são os factores que influenciam negativamente a resposta da mãe às necessidades do seu filho. Vários autores referem que as características da personalidade materna têm um importante papel na qualidade da relação que é estabelecida, (Egeland e Farber, 1984 cit. por Portugal, 1998). Deste modo, considera-se ser uma das funções do educador, apoiar e orientar os pais de cada bebé que recebe na sua sala. Promover uma relação de confiança entre pais-educador-bebé é fundamental para vínculos e cuidados de qualidade diários. Destacam-se algumas noções com vista à promoção dos cuidados e vinculação em bebés, passando pelo desenvolvimento de competências do educador com crianças desde o nascimento até aos três anos; estabelecer como prioridades o estabelecimento de relações entre os membros; ser sensível às necessidades do recém-nascido para assim minimizar situações negativas (choro) e reforçar situações positivas (sorriso e o contacto visual); proporcionar à criança a estabilidade necessária à sua aprendizagem e desenvolvimento quer em casa quer na creche; estimular as relações de afecto e vinculação parental e incentivar a participação dos pais nas actividades pedagógicas, entre outras, pois “o tempo da criança não volta atrás. É o que se poder fazer em certo momento que fica e que vai servir de alicerce para o futuro”. (Goldsmith, cit. por Inácio 2002).

Na perspectiva de Freud cit. por Almeida (2008), o bebé só existe porque existe a mãe, e o primeiro tem um lugar no inconsciente materno, enquanto objecto de desejo, muito antes de ele próprio existir. Nesta investigação pretende-se aprofundar, entre outros temas, o conceito de vinculação, pois seguramente tem influência na relação de apego entre o bebé e as figuras parentais, facto que será confirmado mais adiante nesta investigação.

Na segunda metade do século XX, Bowlby (1973), define as bases do que hoje conhecemos como teoria do apego. Esta teoria parte do pressuposto que todos os seres humanos nascem com a necessidade de estabelecer uma proximidade e contacto com os seus congéneres. Ainsworth e Bell (1970, cit. em Ainsworth, Bell y Stayton, 1984) definiram vinculação como: o laço afectivo que existe entre uma pessoa ou animal e outra pessoa ou animal específico, é um laço que os une no espaço e que perdura através do tempo. A característica condutora do vínculo é o empenho para conseguir e manter um certo grau de proximidade em relação ao objecto, grau que varia desde o contacto físico em algumas circunstâncias até à interacção ou comunicação à distância em outros casos. Assim sendo, o apego é o resultado de um processo marcado por sucessivas interacções e encontros que a criança mantém com os adultos que dela cuidam. Este laço afectivo encontra-se estabelecido por volta dos 12 meses de idade e requer para além das interacções, que a criança adquira diferentes competências nas áreas cognitivas, motoras e sócio-afectivas.

O mesmo autor define quatro fases para a teoria da vinculação afectiva, sendo a primeira designada por pré-apego, em seguida a fase da formação do apego, posteriormente a fase clara de apego e por fim, a fase de meta alcançada. Contudo só as três primeiras fases se situam entre o nascimento e os 12 meses de idade, que são dadas a conhecer.

A fase do pré-apego decorre nos primeiros meses de vida e o recém-nascido apresenta sinais e capacidades que lhe possibilitam a comunicação e a interacção com o meio que o rodeia. Vários autores referem que nesta primeira fase o bebé mostra uma grande preferência por estímulos estruturados, tridimensionais, móveis e que lhe transmitam um grau de cumplicidade, tal como os sons que tenham uma intensidade e sonoridade semelhante à voz humana, são os mais privilegiados pelo bebé. Fantz (1966 cit. por Fuentes, 1996). Segundo Bowlby, (1969) a orientação auditiva e visual, os movimentos de cabeça, o choro, o sorriso e os vocábulos são os primeiros sinais dados pelo recém-

nascido e mostram o seu grau de apego para com a pessoa que cuida dele ou outra qualquer pessoa que corresponda às suas necessidades. Toda esta relação de cumplicidade acontece de um forma assimétrica, já que cabe ao adulto adaptar-se às condições e capacidades de resposta do bebé.

Sempre que o adulto for sensível às necessidades do recém-nascido conseguirá minimizar situações negativas, como o choro, e reforçará situações positivas como o sorriso e o contacto visual.

Na segunda fase intitulada por formação do apego, o bebé começa a diferenciar e a reconhecer as pessoas que lhe são familiares ou desconhecidas. Este reconhecimento é traduzido através de vários sinais, nomeadamente, sorrisos, aproximação, vocábulos perante pessoas que conhece e choro e medo perante pessoas que não conhece. Esta fase ocorre até cerca dos 6 meses de idade.

A fase clara de apego é a terceira fase da teoria da vinculação afectiva e é aqui que ocorrem inúmeras transformações e trocas que irão posteriormente, consolidar a mesma vinculação. Decorre no período entre os 6 meses e os 3 anos de idade e é neste espaço de tempo que o bebé desenvolve os seus domínios, pois surgem novas formas de comunicação e dá-se a consolidação e interacção dos sistemas de apego, medo, afiliação e exploração.

Por volta dos 8/9 meses, o bebé manifesta uma preferência pela aproximação física da figura de apego e segue-a quando esta se afasta. Segundo a teoria de Piaget, é nesta fase que surge o conceito de permanência do objecto, em que apesar da sua ausência, o bebé sabe que a figura de apego continua a existir. Desta forma o bebé começa a desenvolver um esquema em que tudo tem uma intenção para alcançar um fim.

A criança começa a desenvolver os seus sistemas operativos e algumas representações e ideias em relação à figura de apego. O modelo da figura de apego que a criança “constrói” tem por base a disponibilidade e acessibilidade com que essa figura responde às suas necessidades e ao mesmo tempo o sentimento de carinho e pertença que os adultos demonstram pela criança. É nesta etapa que se consolida o sistema de apego, isto é, o conjunto de estruturas que se encontram organizadas em torno da proximidade e contacto físico com a figura de apego. A par desta situação também os outros três sistemas, medo, afiliação e exploração ganham relevo.

O sistema do medo refere-se a todas as acções relacionadas com a cautela, o temor, o medo. Sempre que a criança se vê perante situações novas ou situações em que ela é o centro das atenções de pessoas desconhecidas, o sistema do medo é accionado e surgem sentimentos de ansiedade e tensão. O sistema de afiliação revela-se sempre que a criança se aproxima e inter-relaciona com pessoas desconhecidas. Por fim o sistema de exploração permite à criança ser mais autónoma e procurar conhecer o meio que a rodeia.

Estes quatro sistemas relacionam-se entre si e permitem avaliar o desempenho da figura de apego no desenvolvimento da vinculação afectiva.

Neste sentido, Bowlby (1973), embora todos os seres humanos passem pelas diferentes etapas de formação do apego que referimos anteriormente, nem todos nos vinculamos da mesma forma às nossas figuras de apego. São detectadas diferenças individuais no laço afectivo estabelecido relacionadas com a capacidade desenvolvida pela criança para ver a sua figura de apego como base de segurança.

Em estudos realizados, os autores Ainsworth, et.al. (1978), identificaram diferentes padrões ou categorias de apego, nomeadamente o apego seguro; apego inseguro evitativo e apego inseguro ambivalente, que se apresentam no quadro 1.

**Quadro 1:** Padrões de Vinculação entre crianças e figuras parentais

<b>Seguro</b>	<b>Inseguro Evitativo</b>	<b>Inseguro Ambivalente</b>
A criança vê a figura de apego como base segura de exploração e como alguém a quem recorrer quando se encontra em situação de desconforto/perigo;	A actividade exploratória da criança é independente da presença/ausência da figura de apego;	A criança tem dificuldade em utilizar a sua figura de apego como base de segurança e tende a ter níveis baixos de exploração.
Interacção com a figura de apego marcada por diversas trocas e por um padrão de afastamento-aproximação-afastamento;	A figura de apego não é envolvida nas actividades da criança, o tipo de interacção é semelhante aquela que mantém com desconhecidos;	A interacção com a figura de apego é escassa e quando existe a criança demonstra comportamentos contraditórios entre a procura de aproximação e o desejo de afastamento;
Presença de interacção ou comunicação à distância;	Não ocorre interacção ou comunicação à distância;	
Aquando da ausência da figura de apego a criança procura-a e sente-se incomodada, inibida e chora;	A criança quase não vivencia ansiedade antes de ocorrer a separação da figura de apego, só ficando incomodada quando a figura de apego se afasta dela. No entanto não procura recuperá-la;	Aquando da ausência da figura de apego as crianças demonstram elevados níveis de angústia e choram intensamente ainda que não realizem grandes esforços para a recuperar;
Ao reencontrar-se com a figura de apego a criança procura restabelecer a interacção com ela tanto através de contactos à distância (olhares, sorrisos, gestos e vocalizações) como através de comportamentos que conduzam ao contacto físico;	Ao reencontrar-se com a figura de apego a criança ignora-a e até a evita intensamente;	Os reencontros com a figura de apego são muito dramáticos uma vez que a criança resiste ao contacto com ela e não tenta tranquilizar-se;
Quando restabelecido o contacto com a figura de apego a criança retoma as suas actividades exploratórias;	É difícil observar nestas crianças um equilíbrio dinâmico entre comportamentos de apego/exploração (pode ter como causa a necessidade da criança realizar adaptações defensivas para proteger-se da ansiedade de saber que a figura de apego não está sempre disponível e acessível)	Quando restabelecido o contacto com a figura de apego a criança dificilmente volta a recuperar a exploração e as suas actividades. Existe um desequilíbrio entre apego/exploração o que faz com que a criança esteja permanentemente num estado de insegurança;
Na interacção com desconhecidos a criança demonstra, normalmente algum	Na interacção com desconhecidos a criança	As interacções com desconhecidos são bastante pobres e não se alteram

receio inicial que posteriormente é ultrapassado embora de forma gradual;	demonstra medo;	consoante a presença/ausência da figura de apego;
Na idade pré-escolar as interacções da criança com a figura de apego são sempre fluidas e sincrónicas;	Na idade pré-escolar a criança realiza novas adaptações que lhe permitem vivenciar melhor a relação que mantém com a figura de apego, por exemplo: - Assume novos comportamentos que lhe permitem conseguir interesse e atenção por parte da figura de apego procurando minimizar os efeitos negativos que tem sobre o adulto; - Mantém uma atitude fria e de falsa amabilidade quando se relaciona com a sua figura de apego, os contactos com ela limitam-se a desenvolver actividades em comum entre as quais não está incluído o contacto físico nem as carícias; - o comportamento destas crianças é influenciado mais pela cognição do que pelo afecto;	Na idade pré-escolar a criança apresenta um comportamento mais influenciado pelo afecto do que pela cognição. Utiliza muitas vezes a agressividade e a ameaça para atingir os seus objectivos, numa estratégia ameaçadora e manipuladora (parece ter aprendido que esta é a única forma de conseguir atenção aos adultos).
As figuras de apego conseguem adaptar-se a novas condições e capacidades da criança;	A figura de apego nem sempre se encontra disponível e acessível, sendo até hostil, insensível e evitativo;	A figura de apego não consegue regular as interacções existentes;

**Fonte:** in *Manual de atención temprana* cit. por Fuentes, M. (2004)

Posteriormente os autores Main e Solomon (1990), identificaram um quarto padrão de apego denominado desorganizado. Neste padrão estão incluídas crianças que apresentam um tipo de comportamento que não corresponde a nenhuma das classificações anteriores, ou seja, apresentam comportamentos contraditórios (por exemplo, misturam comportamentos de evitação com a procura da figura de apego). Na presença da figura de apego as crianças realizam movimentos incompletos, sem objectivo, movimentos lentos. Manifestam medo relativamente a esta ou a qualquer objecto associado a ela, realizam também movimentos defensivos e demonstram uma expressão facial desorientada.

De acordo com Bowlby (1973), os aspectos salientes da relação de vinculação organizam-se gradualmente numa representação interna, à medida que a criança e a relação real com a figura de vinculação se desenvolvem. Uma criança terá maiores probabilidades de desenvolver uma representação positiva de si própria, na qual a sua percepção (self) surge valorizada e merecedora de cuidados, quando as suas

necessidades de proximidade emocional, de protecção e de segurança estão preenchidas, para uma exploração activa e autónoma do meio.

Segundo Almeida (2008), mãe e filho, cada um possuem um cérebro e sistema nervoso autónomos, mas possuem inter-relações neuro-hormonais que são provavelmente o meio de comunicação emocional entre ambos. É importante verificar-se como está a relação de amor da mãe com o seu bebé, a frequência, a intensidade e qualidade dos impactos causados por perturbações, podem ser minimizados com a afectividade na relação mãe/bebé. É importante também considerar o relacionamento do casal e os conflitos decorrentes durante a gravidez, e este é um momento que deve ser vivido a três: pai, mãe e bebé.

Segundo Portugal (1998), a afectividade é tudo o que afecta, tudo o que não nos deixa indiferentes, tudo o que mexe ou interfere connosco, tudo o que dá prazer e tudo o que entristece. É tudo o que nos leve a agir e reagir.

## **2.1. Qualidade dos cuidados em crianças dos 0-12 meses**

O desenvolvimento do bebé decorre de uma forma mais suave quando as pessoas responsáveis pelos seus cuidados evidenciam todos os esforços para replicar a continuidade de cuidados representados por uma relação pais-bebé estável e progressiva, (Post e Hohmann, 2004). As pessoas que cuidam das crianças procuram interagir sempre com a criança de uma forma calorosa, não apressada, porque, aconteça o que acontecer, elas querem que as crianças sintam, oiçam e vejam que são amadas e desejadas.

A saúde mental do ser humano é estabelecida pela mãe durante o cuidado com o bebé. De acordo com vários autores, "a mãe adequada, é aquela que tem a capacidade de exercer uma função materna, gerando um bebé independente, em condição de realizar os seus próprios desejos, vai possibilitar a essa criança um lugar de ser. Para essa mãe, o bebé passa a ter nome, projecto, lugar, presença na vida mental dos familiares".

Segundo Egeland e Farber (1984) cit. por Portugal (1998), os bebés de mães com medidas mais elevadas de hostilidade e desconfiança, mais tensas e irritáveis, tendem a desenvolver relações mais ansiosas. Também a depressão pós-parto parece associar-se a cuidados maternos menos empáticos, baixa de sentimentos de eficácia e ligações inseguras no final do primeiro ano de vida da criança.

Segundo Erikson (1950 cit. por Post e Hohmann, 2004), o alicerce do desenvolvimento humano saudável é a confiança que nasce do cuidado e para aprenderem e crescerem, as crianças precisam de um ambiente emocionalmente rico.

Bowlby (1982), acreditava que a sorte da maior parte das crianças é terem sido bem abraçadas muitas vezes e com base nisso ganham confiança num mundo amigável.

## **2.2. Promoção da vinculação em crianças dos 0-12 meses**

A mulher ao aceitar a sua gravidez, com todas as suas implicações, dá um primeiro sinal de vinculação. Todos os indicadores e competências referidas no ponto anterior são factores de interacção entre o bebé e a mãe que não se estabelecem unicamente após o nascimento. É pois muito importante a rede familiar que gira em torno da grávida, um ambiente seguro, apoiante e calmo, ajuda a grávida a superar as alterações corporais, as dificuldades e ansiedades deste período culminando com o momento do parto.

Os autores Klaus e Kennell (1976), introduziram o termo *bonding* para definir um vínculo único, específico, que se estabelece desde os primeiros contactos entre a mãe e o recém-nascido. Outro autor, Stern (1995), mostra que progressivamente durante a gravidez, a mãe elabora uma representação do bebé (bebé imaginário) que facilita o envolvimento afectivo e a interacção adequada com a criança a seguir ao parto. Vários autores concluem que a vinculação é um processo gradual de envolvimento afectivo, mais precisamente da mãe com o filho, processo este em que interferem dimensões de ordem biológica, psicológica que dizem respeito à gravidez, mas sobretudo ao parto e pós-parto. A elevação nos valores das hormonas relacionadas com o parto e a amamentação, designadamente ocitocina e prolactina, tornam a mãe mais sensível e receptiva ao bebé e consequentemente facilitam o *bonding*.

O impacto do tipo de parto foi testado em diversos estudos, mas é sobretudo o contacto imediato/separação com o recém-nascido que mostra ser relevante para o vínculo. Quanto mais a mãe está envolvida e participa nas decisões relativas ao parto, assim como nos cuidados a prestar ao bebé, e principalmente quanto mais se favorece a seguir ao parto momentos de amamentação e/ou o contacto corpo a corpo da mãe com o recém-nascido, maior é o envolvimento emocional entre ambos. Não obstante, a dor e o mal-estar no parto afectam negativamente a disponibilidade da mãe para se vincular ao bebé. Nas primeiras 24 horas de vida, o bebé está especialmente atento e disponível para a relação e os momentos seguintes ao parto são cruciais para a vinculação, no entanto

não se aplica a todas as mulheres. O *bonding* está também favorecido no parto normal, em relação ao que acontece no parto por cesariana, que implica um período maior de separação com o recém-nascido.

Segundo Figueiredo (2011), é fundamental que alguém cuide da mãe para que esta possa centrar-se e investir na sua relação com o bebé e este cuidar tem que ser de natureza prática, para que possa repousar.

Não menos importante nestas vivências é a presença activa do pai e na maioria dos casos, a vinculação pai-bebé começa mesmo durante a gravidez e vai até ao nascimento. O desejo de ter conhecimentos sobre o feto, a vontade de o proteger e ir ao encontro das suas necessidades e o prazer na interacção com o bebé são indicadores de um envolvimento positivo. Considera-se a mãe uma peça fundamental para o envolvimento do pai com o bebé, promovendo momentos entre ambos, tendo em vista que a única coisa que o pai não pode realizar com o bebé é amamentar.

É na prática e na experiência do cuidar que os pais, à semelhança das mães, fortificam a relação com o bebé, no entanto nos primeiros tempos ainda existem mulheres que querem assumir o protagonismo exagerado, afastando o pai. Por outro lado, também há muitos homens, que se puderem delegam essas tarefas, (Correia, 2011).

De acordo com Balancho cit. in Pais & Filhos, (2011), está provado que os pais são tão sensíveis como as mães aos sinais enviados pelo bebé e respondem com igual competência, contrariando a noção de que há um instinto maternal, as competências parentais são adquiridas com a própria experiência.

O momento do parto é muito importante no processo de *bonding* e ao contrário do que se poderia pensar, é sobretudo para o pai, refere Figueiredo (2011). O pai está mais disponível para aproveitar a experiência em termos do seu envolvimento emocional com o bebé, ao passo que a mãe está mais voltada para o parto em si. Estudos revelam que em cursos de preparação para a maternidade e paternidade, existe interesse por parte dos homens e aulas tornam-se mais interessantes pelo tipo de perguntas, mais técnicas e sobretudo relacionadas com a segurança e o bem-estar da mãe e do bebé. Outro estudo que demonstra o favorecimento da vinculação na parentalidade é o facto de pais que assistem ao parto, que fizeram o corte do cordão umbilical, os pais que não o fizeram embora lhes tenham dado essa possibilidade e aqueles que não tiveram essa opção, antes do parto, o envolvimento emocional era semelhante, mas posteriormente e ao fim de um

mês, os pais que tinham cortado o cordão estavam mais envolvidos com o bebé relativamente aos outros.

Relativamente aos factores que estão na origem da segurança do apego, Bowlby (1973), pronunciou-se sobre os “modelos operativos internos” que as crianças desenvolvem acerca do grau de disponibilidade e acessibilidade das suas figuras de apego. Assim sendo, as crianças esperam por parte destas, sempre um mesmo comportamento, a actuação desenvolvida pelo cuidador na intervenção precoce com a criança, constitui uma das causas de qualidade da vinculação afectiva e a sensibilidade do cuidador e a sensibilidade do cuidador nas interacções atempadas com o bebé, reflectem-se no grau de segurança da vinculação afectiva.

As interacções entre mãe e filho nos primeiros doze meses de vida, originam crianças seguras quando as figuras de apego se mostram mais sensíveis no decorrer da intervenção precoce. Entende-se por cuidador sensível aquele que é capaz de se adequar aos sinais do bebé e responder-lhe de forma rápida e eficaz.

O mesmo autor defende que a vinculação não é inata, o que é inato é o potencial para a desenvolver. Assim, os pais ao interagir com o seu filho, vai reforçar o seu comportamento transmitindo-lhe confiança e estimulando-o a desenvolver novas aquisições. As primeiras horas logo após o parto são consideradas um período sensível, durante o qual a mãe e pai estão verdadeiramente aptos a construir um laço de ligação com o bebé. Estes períodos, devidamente estimulados e com mães devidamente despertas para desenvolverem laços de vinculação com seus bebés, resultam num ambiente seguro de apego entre ambos e analisar a medida em que o pai se envolve neste processo de vinculação constitui um dos aspectos importantes desta investigação.

Um bebé que fez pelo menos uma vinculação segura terá maior probabilidade de desenvolver relações seguras com as pessoas do seu mundo, como sejam avós, outros adultos, crianças e profissionais de educação. As relações dos bebés com outras pessoas, nomeadamente os educadores de infância, não são consideradas uma ameaça ao elo pais-filho, sendo pelo contrário um contributo para o desenvolvimento do sentido de confiança do bebé no mundo e nas pessoas que nele vivem.

### 3. Contexto de Educação

Cada vez mais os pais colocam as suas crianças nos estabelecimentos de ensino, sendo a educação de um número cada vez maior de crianças, realizada fora da família. Na tarefa de educar uma criança, cada adulto carrega certas características de personalidade, representações mentais e experiências de vida e a maior parte das pessoas são unânimes quando dizem que a creche não é apenas um local de guarda das crianças, mas sobretudo um meio educativo.

Segundo o Despacho Normativo nº 99/89 que contempla o Decreto-Lei nº 30/89 de 24 de Janeiro (ver anexo I), veio sujeitar obrigatoriamente a licenciamento prévio a instalação e o funcionamento dos estabelecimentos que desenvolvem actividades de apoio social exercidas pela Segurança Social. Este documento aprova as normas reguladoras das condições de instalação e funcionamento das creches com fins lucrativos e estabelece para as mesmas os seguintes objectivos: proporcionar o atendimento individualizado da criança num clima de segurança afectiva e física que contribua para o seu desenvolvimento global; colaborar estreitamente com a família numa partilha de cuidados e responsabilidades em todo o processo evolutivo de cada criança e por fim colaborar no despiste precoce de qualquer inadaptação ou deficiência, encaminhando adequadamente as situações detectadas.

Para a elaboração de uma política educativa coerente ao nível da creche, torna-se importante obter uma compreensão dos seus efeitos no bem-estar e desenvolvimento da criança e de que modo as circunstâncias actuais poderão ser melhoradas, tendo em vista o desenvolvimento da criança.

Na prática constata-se uma indefinição quanto às linhas de força subjacentes a uma política educativa para a primeira infância, sendo consideráveis as diferenças de creche para creche quanto à maneira de actuar. A qualidade educativa de diferentes contextos é um processo complexo e de difícil compreensão. Segundo Katz (1995 cit. por Post e Hohmann, 2004), a qualidade dos contextos educativos para a infância pode ser avaliada segundo diferentes perspectivas: perspectiva do adulto em geral que identifica determinadas características do contexto, dos equipamentos e do programa; a perspectiva da criança que tem em conta o modo como o contexto é experienciado por ela; uma terceira perspectiva tem a ver com a forma como o programa é experienciado pelas famílias e educadores e uma quarta perspectiva tem a ver com o modo como o

programa é experienciado pelos técnicos e educadores que trabalham na creche. O adulto valoriza características como relação adulto-criança; qualificações e estabilidade dos técnicos; qualidade e quantidade do espaço por criança, materiais; condições de segurança; saúde e higiene. Vários dados relativos a estas características contextuais indicam que são estas as características determinantes dos efeitos da creche no bem-estar e desenvolvimento da criança.

### **3.1. Creches em Portugal**

Segundo Portugal (1998), as creches surgem como um meio de cobrir as necessidades das famílias que, frequentemente por razões económicas, não podem de outro modo realizar a educação das suas crianças. É na transição para a creche que a criança começa a moldar as suas competências e habilidades sociais. Neste espaço feito de comunicações interpessoais, vivenciam-se as primeiras transições, os primeiros conflitos e os primeiros confrontos com uma realidade não tão protegida quanto a familiar. O educador surge assim, não só no papel interventivo, como no papel principal de observador privilegiado.

Características positivas na relação família-educadores são relativamente fáceis de desenvolver quando educadores e pais têm o mesmo estatuto sociocultural, falam a mesma língua, partilham os mesmos valores e objectivos relativamente à criança. Quando assim não é, têm de basear-se numa combinação de experiência, educação e formação, bem como em valores pessoais. Os pais também se relacionam melhor com os educadores quando percebem a natureza complexa do seu trabalho, quando apreciam os objectivos que os mesmos tentam cumprir e dessa forma desenvolvem relações respeitadas, (Portugal, 1998).

Actualmente, a abertura de creches, com ou sem fins lucrativos, encontra-se mais simplificada, estando o seu licenciamento enquadrado nos estabelecimentos de apoio social. No âmbito do apoio a crianças, as creches são licenciadas ao abrigo do Decreto-Lei nº 64/2007, de 14 de Março - Regime de Licenciamento e de Fiscalização dos Estabelecimentos de Apoio Social que se aplica às entidades empresariais, privadas e particulares de solidariedade social

## **4. Separação da família e adaptação da criança dos 0-12 meses em contexto de creche**

A maioria dos bebés por volta dos 5/6 meses, são inseridos numa creche para que os pais possam ir trabalhar. Tanto a mãe como o pai sofrem quando deixam um filho pequeno ao cuidado de outra pessoa. Subjacente a qualquer ligação intensa, encontra-se um receio profundo de perda, solidão, culpa, desamparo e até irritação (Brazelton, 2009). Neste sentido, a ligação ao bebé pode ser ao mesmo tempo gratificante e dolorosa.

Segundo Portugal (1998) e Brazelton (2009), existem diferenças nos padrões de interacção mãe-bebé ou pai-bebé, ou seja, não apenas pais e mães tendem a usar diferentes estilos de separação, mas também as crianças respondem diversamente à ausência do pai do mesmo sexo ou de sexo oposto. Uma interacção muito próxima indica maior perturbação na separação de pais e filhos do sexo masculino, enquanto que as mães quanto mais interagirem e se sentarem no chão com as crianças, as filhas serão as mais perturbadas com a separação.

Tanto os pais como as mães têm tendencialmente expectativas diferentes e um relacionamento diferente com os filhos ou as filhas desde o início, tornando-se com o passar do tempo transmissores de papéis sexuais definidos para o seu bebé.

O período de desenvolvimento conhecido como ansiedade de separação/angústia ou medo do estranho indica que um determinado nível de desenvolvimento cognitivo e emocional mais elevado foi atingido. A criança é capaz de comparar experiências presentes com situações já conhecidas e considerá-las, eventualmente estranhas. Assim por volta dos sete meses, a criança tem desenvolvido um esquema para objectos familiares e perante uma nova imagem ou um novo objecto diferente do antigo, experiencia incerteza e ansiedade. Nesse sentido a ansiedade de separação parece ser mais função de um processo maturacional do que de um processo experimental. Preparações breves por parte dos pais parecem ajudar a criança a estruturar e a compreender a separação, estando também a contribuir positivamente para a sua adaptação.

#### **4.1. Transição da família para a creche**

Na opinião de Portugal (1998), a partir do momento em que um bebé é confiado a alguém que não os pais, as interações com estes tornam-se mais limitadas, pois o bebé perde os seus pontos de referência, o que resulta numa desorganização, angústia e até mesmo sofrimento. Durante os primeiros dias de creche, os bebés exibem um período de protesto, chorando e agarrando-se aos pais, mas estes sinais acabam por desaparecer ao longo dos dois primeiros meses de permanência.

Do ponto de vista de Brazelton (2009:160), as separações tendem a ser difíceis, mas “não deixem de preparar o bebé sempre que tiverem de sair. A princípio deixem-no por curtos espaços de tempo com alguém que ele conheça e quando regressarem, mostrem-lhe que já voltaram, aumentando gradualmente esses períodos. O bebé está a desenvolver o conceito de independência e o de afastamento, mas à medida que o faz torna-se mais dependente”.

#### **4.2. Adaptação da criança à creche**

Segundo Portugal (1998), quando falamos de adaptação à creche falamos do modo como a criança experiencia o contexto creche e o modo como a sua organização é integrada e transformada nas novas relações. Adaptação é o termo utilizado e não abrange apenas os comportamentos observados no período inicial, mas também os comportamentos expressos ao longo de todo o tempo de permanência da criança na creche.

Segundo Rodriguez e Hignett (1981 cit. por Portugal, 2009), nos períodos de ansiedade de separação e angústia perante o estranho, a criança que está adaptada pode mostrar uma maior relutância em deixar a mãe, tornar-se mais absorvente em relação ao educador, mais medrosa em relação ao desconhecido, rabugenta e mais difícil de consolar. Contudo também este comportamento acaba por desaparecer.

É de salientar que os bebés quando são bem tratados adaptam-se mais rapidamente do que as mães. A criança vencerá se os pais também vencerem, e mesmo rodeados de amor, precisam saber que têm os pais para si no final de cada dia.

## **Parte II – Estudo Empírico**

### **5. Metodologia**

A metodologia utilizada nesta investigação encontra-se inscrita no âmbito da investigação-acção, pois pretende conhecer o real para poder delinear uma intervenção consciente e planificada.

Segundo Esteves (1986:254), a investigação pode ser considerada como “a transformação controlada ou directa de uma situação indeterminada numa outra que seja totalmente determinada, a ponto de converter os elementos da situação originária num todo unificado”. Ainda na opinião de Bell (1997:20), “a investigação-acção define um problema específico e os meios de lhe dar solução, o que implica uma reflexão sobre a acção. Este processo produz uma reformulação de práticas durante a acção e uma sistematização e conceptualização teórica”.

É o método essencial para a realização deste projecto, pois permite caracterizar a situação real, proceder a uma análise de necessidades e por conseguinte minimizar a distância entre a situação real e a situação ideal que se deseja alcançar num estudo exploratório e transversal.

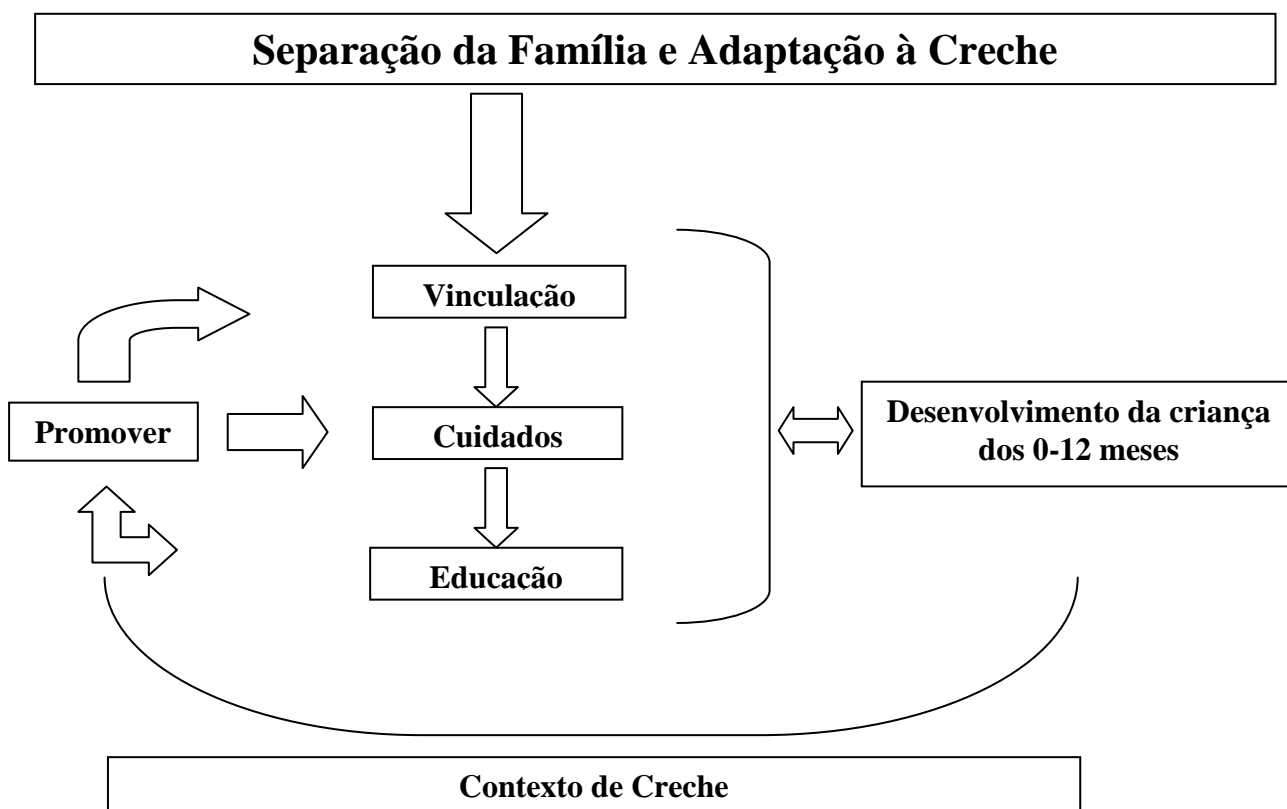
Enquanto processo complexo, a investigação na/pela acção organiza-se em função de três objectivos, nomeadamente objectivos de investigação em que há uma produção de conhecimentos sobre a realidade; objectivos de inovação, em que existem transformações numa determinada situação com o propósito de dar solução a problemas, e por fim, objectivos de formação de competências que se caracterizam pelo desenvolvimento de um processo de aprendizagem social envolvendo todos os participantes em função dos objectivos anteriores, perspectivado ainda por (Esteves, 1986).

#### **5.1. Modelo Racional Teórico**

Após a reflexão sobre a realidade de creche e pesquisa bibliográfica, a presente investigação teve início na seguinte questão de partida: Como realizar o processo de separação da família e integração na creche que vise o desenvolvimento e bem-estar da criança dos 0-12 meses? Consideramos que a resposta a esta questão só pode ser feita através de uma análise sistémica que permita conhecer a teia de transição da criança

para a creche e perceber a forma como se processa na vida de um casal a chegada de um filho. Considera-se extremamente relevante averiguar se todos os pais estão preparados para este novo desafio, perceber que existem angústias, inseguranças, medo do desconhecido no momento em que a criança terá que enfrentar a creche, de que forma é gerido este processo de separação pelos pais e como eles próprios promovem a sua própria adaptação e a do bebé a um mundo novo. Outro aspecto pertinente prende-se com a creche enquanto instituição e aqui é importante focar que condições reúnem as creches em geral para receber e integrar bebés e seus pais, de que forma promovem o seu bem-estar numa nova etapa das suas vidas.

**Figura 1-** Modelo racional teórico



A figura 1 representa um processo dinâmico que é a separação da criança com família e sua adaptação à creche, processo este que envolve um conjunto de aspectos essenciais a ter em conta. Cada criança está inserida numa família, num determinado contexto e é chegado o momento de vivenciarem a separação, uma vez que os pais terminam a sua licença de parentalidade e têm que colocar o seu bebé na creche. Desta forma, num contexto de creche, a equipa educativa deve ter presente todo o histórico da criança

antes da sua chegada, que tipo de vinculação se encontra estabelecida entre este bebé e as figuras parentais, que tipo de ambiente existe em casa, se são pais ansiosos, tranquilos neste processo de separação e adaptação, que tipos de cuidados lhe são prestados, assim como o tipo de educação. Neste sentido, pretende-se agir de uma forma positiva e equilibrada com vista à promoção da qualidade dos cuidados, promover uma boa educação e vínculos afectivos nesta criança minimizando os efeitos nefastos de uma separação da família e procurando que a criança faça uma boa adaptação. Desta forma estar-se-á a contribuir para o seu bom desenvolvimento entre os 0-12 meses e consequentemente em idades futuras.

## **5.2. Objectivos da investigação**

A presente investigação tem como principal objectivo conhecer como se realiza o processo de separação da família e integração da criança na creche que vise o seu desenvolvimento e bem-estar dos 0-12 meses e pretende ainda identificar padrões de vinculação; perceber de que modo a ligação mãe/bebé interfere na adaptação do bebé ao ambiente de creche; compreender o processo de separação do bebé à família; saber de que forma se pode desenvolver a promoção da qualidade dos cuidados à criança em família e em contexto de creche; como esta pode ser promotora de bem-estar para a criança; conhecer estratégias e tipos de intervenção pedagógica por parte do educador com vista à integração e adaptação do bebé e encontrar orientações e formas de intervir com a família de modo a facilitar este período de transição.

## **5.3. Amostra**

A amostra desta investigação é constituída por crianças, pais e educadores de infância. A amostra de crianças é composta por 18, sendo que três pertencem à Associação de Solidariedade Social – Creche, Jardim-de-Infância e A.T.L. em Vila Nova de Milfontes e 15 pertencem à Creche e Jardim-de-Infância do Montinho em Santiago do Cacém.

A Amostra de pais é constituída por 16 pais, sendo três da primeira instituição e 13 pais da segunda instituição, bem como três educadoras da mesma.

A Associação de Solidariedade Social – Creche, Jardim-de-Infância e A.T.L. em Vila Nova de Milfontes, é uma Instituição com sete anos de existência, construída de raiz

que ao longo do tempo tem sofrido algumas ampliações e alterações de modo a ir ao encontro das necessidades das crianças, pais e comunidade em geral. O seu funcionamento abrange três valências nomeadamente a creche (3 meses-3 anos), J.I. (3 anos-6 anos) e A.T.L. (6 anos-9 anos), 15 profissionais de educação e horário de abertura às 7h30 às 19h30. A creche é frequentada por 50 crianças, sendo apenas oito pertencentes ao berçário. Os bebés do berçário que cheguem à Instituição antes das 9h da manhã são recebidos na sala de jardim-de-infância e os que chegarem a partir dessa hora, o seu acolhimento já é feito na sala de berçário.

A Creche e Jardim-de-Infância do Montinho pertence à Santa Casa da Misericórdia de Santiago do Cacém, uma Instituição construída de raiz há cerca de quatro anos, pois até então a Instituição existente com 30 anos de funcionamento já não tinha capacidade suficiente para dar resposta ao número de crianças existente na zona. Neste momento estão as duas a funcionar com horário entre as 7h45 e as 19h. A Creche e Jardim-de-Infância do Montinho conta com 24 profissionais de educação e é frequentada por 66 crianças em idade de creche entre os 4 meses e os 3 anos. Existem dois berçários para 16 bebés, sendo que num ficam oito bebés mais novos entre os 4 e os 12 meses e no outro berçário estão os bebés mais velhos, ou seja, que entram para a creche já quase com 12 meses de idade. O acolhimento e a entrega dos bebés fazem-se no interior de cada um dos berçários.

#### **5.4. Instrumentos de Avaliação**

A pesquisa bibliográfica efectuada mostrou a ausência de instrumentos que possibilitem indagar objectivamente o processo de adaptação da criança à creche. Neste sentido foi necessário criar de raiz uma grelha de observação que permitisse o melhor conhecimento desta realidade, bem como a utilização de outros instrumentos. Desta forma optou-se por realizar: duas grelhas de observação naturalista, uma aplicada aos bebés em berçário e outra aos seus pais; a técnica *focus group* aplicada a pais de bebés em berçário; um inquérito por questionário aos pais; e entrevistas às educadoras de infância em creche.

#### **5.4.1. Grelhas de observação naturalista a bebés e seus pais**

A grelha de observação naturalista (ou ecológica), como o próprio nome indica, é uma técnica que permite observar e recolher dados em meio natural, nas condições reais de uma situação e é defendida pelo método clínico. As observações incidem sobre os comportamentos dos actores, na medida em que manifestam sistemas de relações sociais, bem como fundamentos culturais e ideológicos, (Campenhoudt, L., Quivy, R., 1998).

Foi construída uma grelha de observação naturalista com o objectivo de observar bebés entre os quatro e os 12 meses de idade, no seu período de integração e adaptação à creche e perceber como se processa esta transição do meio familiar (ver apêndice I). A grelha é composta por algumas dimensões, nomeadamente o choro; sorriso; comunicação com o meio; separação da família; permanência no ambiente; reencontro com a família e despedida da creche.

Como forma de observar também o comportamento dos pais dos bebés, foi construída uma grelha de observação naturalista com o propósito de analisar a adaptação dos pais face à integração dos filhos na creche. Esta é também composta por algumas dimensões, sendo elas, quem leva a criança; separação do filho; emoções à saída; preocupações dos pais; reencontro com o filho e agradecimentos.

#### **5.4.2. Focus group com pais de crianças em creche**

Entende-se por *focus group* ou "discussões de grupo" uma técnica utilizada em pesquisas qualitativas com muitas finalidades, na qual se emprega a discussão moderada de entre 8 e 12 participantes. É uma técnica muito ligada à pesquisa social, mas nos últimos 30 anos tem ganho espaço em áreas como psicologia, educação e administração de empresas. Segundo (Renata A., 2005 citando Parasuraman, 1986:245), uma entrevista *focus group* envolve uma discussão objectiva, conduzida por um moderador que é também o facilitador da sessão, pois para além de regular a sessão dentro dos seus moldes, vai também ajudar o grupo a interagir de uma maneira não-estruturada e natural. Normalmente é utilizada uma câmara de vídeo para gravar a discussão e os pesquisadores examinam mais do que apenas as palavras. Estão interessados nas expressões faciais, linguagem corporal e dinâmica de grupo. O *focus group* é recomendado para orientar e dar referencial à investigação ou à acção em novos

campos, gerar hipóteses baseadas na percepção dos informantes, avaliar diferentes situações de pesquisa ou populações de estudo, desenvolver planos de entrevistas e questionários, fornecer interpretações dos resultados dos participantes a partir de estudos iniciais, e gerar informações adicionais a um estudo em larga escala.

Com o objectivo de realizar um levantamento de dados sobre as percepções dos pais face ao processo de transição e adaptação à creche, pretende-se através do *focus group* conhecer as vivências da separação da família e adaptação à creche com as seguintes dimensões: adaptação da criança à creche; separação da família; adaptação à creche e estratégias de adaptação da criança em creche onde o objectivo é identificar o tipo de adaptação; dimensões de separação da família; género na separação da família e vivências da separação com o objectivo de perceber como os pais vivenciam o momento da separação e por a dimensão das preocupações onde se pretende conhecer as preocupações dos pais (ver apêndice II).

#### **5.4.3. Questionário a Pais de Bebés em Berçário - Creche**

O questionário é uma técnica de investigação composta por um pequeno ou grande número de questões apresentadas por escrito a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, com o objectivo de propiciar determinado conhecimento ao investigador, (Campenhoudt, L., Quivy, R., 1998).

O questionário tem determinadas vantagens, nomeadamente a possibilidade de atingir um grande número de pessoas de diversas localizações geográficas com baixo custo; permite o anonimato das respostas; permite que as pessoas o respondam no momento que lhes pareça mais apropriado e não expõe os inquiridos à influência do investigador.

Os pais foram inquiridos através de um questionário que foi realizado para o efeito com o objectivo geral de perceber as suas preocupações no processo de separação com a criança, de que forma é vivenciada esta transição e que tipos de vínculos se encontram estabelecidos. Para tal foram estabelecidas sete dimensões nomeadamente: adaptação da criança à creche, com o objectivo de identificar o tipo de adaptação; separação da família, com o objectivo de determinar como se processa a separação da família com a criança; preocupações dos pais a fim de conhecer as suas preocupações; vinculação da criança com os pais, com o objectivo de conhecer o tipo de vinculação da criança com os mesmos; bem-estar da criança: físico/saúde mental em que se pretende conhecer o

bem-estar da criança; planificação, com o objectivo de identificar se ocorre uma planificação prévia à entrada na creche e por fim a dimensão das necessidades em que identificar as necessidades dos pais é o objectivo (ver apêndice III).

O *focus group* realizado com o grupo de pais constitui um complemento fundamental ao questionário, uma vez que orienta as questões no sentido das necessidades do investigador.

#### **5.4.4. Entrevista a educadoras de infância em creche**

A entrevista é uma conversação entre duas ou mais pessoas (o entrevistador e o entrevistado) em que perguntas são feitas pelo entrevistador para obter informação do entrevistado. Antes da entrevista o entrevistador procura reunir o máximo de informações disponíveis sobre o assunto a ser abordado e sobre a pessoa que será entrevistada. Munido deste material, ele formula perguntas que levem o entrevistado a fornecer informações novas e relevantes. Os métodos de entrevista são uma aplicação dos processos fundamentais de comunicação que quando são correctamente utilizados permitem ao investigador retirar das suas entrevistas elementos de reflexão muito ricos. O método de entrevista, contrariamente ao inquérito por questionário, caracteriza-se por um contacto directo entre o investigador e os seus interlocutores. Esta troca permite aos interlocutores exprimir as suas ideias, enquanto o investigador, através das suas perguntas, facilita essa expressão e não os deixa fugir dos objectivos da investigação. O seu conteúdo será objecto de uma análise de conteúdo sistemática, destinada a testar as hipóteses de trabalho, (Campenhoudt, L., Quivy, R., 1998).

Desta forma, realizou-se uma entrevista a três educadoras de infância na valência de creche (ver apêndice IV), na qual se pretendeu averiguar o que fazem na sua actividade profissional, como fazem, que atitudes e estratégias promovem na recepção ao bebé e sua adaptação e que laços se estabelecem com a família, para que a mesma decorra de uma forma harmoniosa.

Com este instrumento de avaliação pretende-se como objectivos conhecer as percepções das educadoras no processo de separação da criança com os pais e sua adaptação à creche e identificar estratégias a utilizar com vista à integração e bem-estar da criança. São também estabelecidas as seguintes dimensões com o respectivo objectivo: adaptação da criança à creche com o objectivo de identificar o tipo de adaptação;

preocupações da educadora, as quais se desejam conhecer; desenvolvimento e bem-estar da criança, em que o objectivo é determinar os efeitos da adaptação no desenvolvimento e bem-estar da criança; separação da família em que se determina como é vista a separação por parte dos pais; atitudes e estratégias, com o propósito de identificar atitudes e estratégias no processo de separação e adaptação; ambiente educativo onde fomos conhecer possíveis alterações no ambiente educativo e para finalizar a formação, com o fim de identificar necessidades de formação na temática da adaptação.

### **5.5. Procedimento**

A parte prática desta investigação iniciou-se com a construção de grelhas de observação naturalista (ver apêndice I) aplicadas a três pais e seus bebés em processo de adaptação no berçário da A.S.S. Creche, J.I. e A.T.L. de Vila Nova de Milfontes. Nesta fase pretendeu-se testar a aplicação da grelha em que é possível observar o acolhimento ao bebé por parte dos profissionais da creche e como é feita mais tarde a recepção do bebé pelos pais, dois dias por semana no período de três semanas. O preenchimento das grelhas foi efectuado pela ajudante de acção educativa a desempenhar funções no berçário que se disponibilizou para colaborar na investigação.

Posteriormente, após testada a grelha de observação, a mesma sofreu algumas alterações nomeadamente o acréscimo de novos itens para posteriormente ser aplicada num segundo estudo com 15 bebés de idades compreendidas entre os oito e os 13 meses e seus respectivos pais. Esta observação decorreu no período após os primeiros dois meses de integração na creche, um dia por semana durante três semanas na creche e J.I. do Montinho em Santiago do Cacém, onde continuou a decorrer toda a investigação.

No sentido de conhecer a percepção dos pais relativamente à creche, optou-se pela técnica do *focus group* e da aplicação de um questionário a pais. A realização do *focus group* ocorreu numa reunião de pais de 15 crianças, apenas com os pais de oito bebés em berçário. Estavam presentes na reunião oito mães e um pai; a coordenadora pedagógica da instituição; a educadora de infância e a ajudante de acção educativa do berçário, fazendo um total de 12 pessoas. O grupo de adultos estava reunido em círculo, foi utilizada uma câmara de filmar e colocadas algumas questões aos pais (ver apêndice II).

Para melhor conhecer a percepção dos pais foi também construído um questionário, apreciado por um especialista e alvo de um pré-teste. Verificou-se que o questionário era claro, objectivo e de fácil resposta. De seguida foi feita a aplicação a encarregados de educação, pai ou mãe, dos 15 bebés (ver apêndice III).

Com o objectivo de recolher informações sobre a opinião de educadoras de infância a exercer funções na valência de creche, foi realizada uma entrevista a três educadoras de infância, uma a exercer actividade na sala de berçário (ver apêndice IV). Todas responderam às questões tal como era pretendido, com recurso a um gravador.

## 6. Apresentação dos Resultados

De seguida é dada a conhecer a amostra utilizada para esta investigação, constituída pelo Estudo I, do qual fazem parte uma amostra de crianças e seus pais, e o Estudo II, composto por outra amostra de crianças, seus pais e educadores de infância.

### 6.1. Caracterização da Amostra

No Estudo I são analisados três bebés para a construção da grelha de observação e no Estudo II a grelha é aplicada a 15 bebés. Pode observar-se que num total de 18 crianças, 10 são do género masculino, oito do género feminino, situando-se entre os quatro e os 12 meses de idade. Relativamente ao número de irmãos, apenas oito crianças têm irmãos, a maioria dos bebés ocupa o lugar de primeiro filho e apenas uma criança detém o terceiro lugar na fratria.

**Quadro 2: Bebés (Estudo I e II)**

	Bebés	Estudo I	Estudo II
<b>Total</b>	18	3	15
<b>Género</b>	F – 8 M – 10	F – 1 M – 2	F – 7 M – 8
<b>Idade</b>	4 meses aos 12 meses	4 meses aos 8 meses	6 meses aos 12 meses
<b>Nº irmãos</b>	8	0	8
<b>1º Lugar na fratria</b>	10	3	7
<b>2º Lugar na fratria</b>	7	0	7
<b>3º Lugar na fratria</b>	1	0	1

**Quadro 3: Pais (Estudo I e II)**

	Pais da amostra	Pais do Estudo I	Pais do Estudo II
<b>Total</b>	16	3	13
<b>Género</b>	F – 12 M – 4	F – 2 M – 1	F – 10 M – 3
<b>Idade</b>	26- 47	26- 47	26 – 41
<b>Formação Académica</b>	Licenciatura – 3 3º Ciclo – 9 2º Ciclo – 4	3º Ciclo – 2 2º Ciclo – 1	Licenciatura – 3 3º Ciclo – 7 2º Ciclo – 3
<b>Pais pela 1ª vez</b>	9	3	6

A amostra de pais é constituída por 16 pais, com idades entre os 26 e os 47 anos, sendo que três foram alvo do Estudo I e treze do Estudo II. No total da amostra, 12 pais são do género feminino e quatro do género masculino. Ao nível da formação académica, neste grupo predomina o terceiro ciclo de escolaridade com nove pais, apenas três licenciaturas e quatro pais detentores do segundo ciclo de escolaridade. Da amostra dos pais, nove são pai e mãe pela primeira vez.

**Quadro 4: Profissionais que recebem as crianças na creche**

Profissionais	Género	Idade	Formação Académica	Anos de Serviço	Funções
<b>Educadora A</b>	F	28	Licenciatura	3 Anos	Educadora
<b>Educadora B</b>	F	36	Bacharelato	15 Anos	Educadora
<b>Educadora C</b>	F	50	Bacharelato	24 Anos	Educadora
<b>1 Ajudante (Estudo 1)</b>	F	26	Técnica de Animação e Turismo	3 Anos	Ajudante de Acção Educativa

Estas profissionais de educação são todas do género feminino e as suas idades variam entre os 26 e os 50 anos. Das três educadoras de infância uma é licenciada com três anos de serviço e as outras duas educadoras possuem o bacharelato variando o seu tempo de serviço entre os 15 e os 24 anos de serviço. A ajudante de acção educativa possui o curso profissional de técnica de animação e turismo.

## **6.2. Estudo I – Observação da família e adaptação à creche**

### **6.2.1. Construção das Grelhas de Observação**

O Estudo I tem como principal objectivo a recolha de dados para construir a grelha de observação naturalista e, neste sentido, procura fazer uma primeira abordagem à integração e adaptação de bebés à creche, tal como analisar as mesmas reacções por parte dos seus pais. Este estudo teve como amostra o primeiro grupo de crianças constituído por três bebés entre os quatro e os oito meses de idade e duas mães e um pai entre os 26 e os 47 anos de idade dos respectivos bebés. É-lhes aplicada uma grelha de observação naturalista nos primeiros dois meses de integração, dois dias por semana no período de três semanas.

A grelha de observação foi construída para o efeito, na qual é possível recolher dados sobre o acolhimento ao bebé por parte dos profissionais da creche e como é que os pais recebem o bebé mais tarde. É também possível recolher informação ao nível de três crianças e seus pais em processo de transição do meio familiar para a creche.

Após a aplicação da grelha, verificou-se que esta era fácil de aplicar e recolheu-se os dados que se pretendia, ficando assim disponível para ser aplicada a qualquer grupo.

### **6.2.2. Perfil das crianças em contexto de transição para a creche**

Relativamente ao Estudo I, das crianças observadas para testar a grelha (crianças A, B e C), é traçado um perfil individual, de acordo com os seus comportamentos no período já referido.

A **criança A** com seis meses de idade é um bebé que quando deixado pelos pais no berçário não chora, apenas na primeira observação. Não sorri com frequência e também não é um bebé que comunique logo com os outros. No momento da chegada não procura um brinquedo, mas é uma criança aparentemente calma e tranquila, feliz e que não pede muito colo. Conforta-se tanto no colo da educadora como da auxiliar, sem revelar preferência. Não permanece com objecto transitório.

No que respeita ao momento da entrega do bebé aos pais, este reconhece-os e sorri à chegada de quem o vem buscar. Quando um adulto se aproxima da porta, a criança não demonstra desejo de ser levada, não chora quando vê os pais e também não o faz quando se despede dos colegas e adultos.

A **criança B** com quatro meses, ao ser deixada pelos pais no berçário não fica a chorar, sorri, porém não comunica logo com os outros, não procura um brinquedo nem pede colo. Aparentemente é uma criança calma e tranquila, feliz e conforta-se no colo do adulto da sala sem mostrar preferência por alguém. Possui objecto transitório e permanece com ele.

Quando o bebé é entregue aos pais, este reconhece-os, sorri à chegada de quem o vem buscar, não chora quando vai embora e não se despede dos colegas e adultos da sala no momento da saída.

A **criança C** com oito meses, ao ser deixada pelos pais no berçário também não fica a chorar, pois sorri, comunica logo com os colegas, procura brinquedos e aparenta ser um bebé tranquilo, feliz.

Uma vez que o bebé fica calmo, não sente necessidade de pedir colo, mas aceita bem o carinho dos adultos da sala e também não permanece com objecto transitório. No regresso dos pais, a criança reconhece-os, mas não sorri, pelo contrário chora ao vê-los. Não demonstra querer ser levada por alguém que se aproxima da porta, bem como não se despede dos colegas e adultos à saída.

### **6.2.3. Perfil dos pais em contexto de transição para a creche**

Relativamente às três observações realizadas aos **pais das crianças A, B e C** do Estudo I em que foi testada a grelha de observação, é traçado também o perfil dos pais de cada criança. No que concerne aos **pais da criança A**, é possível constatar que a criança é levada à creche maioritariamente pela mãe, verificando-se também que nunca ocorre serem os dois pais a entregar o bebé. Não revelam ansiedade ou insegurança na transição do ambiente de casa para a creche e não questionam o adulto da sala acerca da rotina da criança durante o dia. Entregam a criança no colo do adulto da sala, apenas uma vez permanecem à porta após a entrega da criança, logo não demonstram muita dificuldade em abandonar o espaço. Estes pais não telefonam para a instituição durante o dia a saber informações do bebé, mas uma vez dirigiram-se ao local para ver o bebé. Não demonstram preocupação relativamente aos outros colegas e contam situações do bebé vividas em casa.

No momento de ir receber a criança, os pais chamam logo pelo filho assim que chegam à sala, porém antes de entrar ficam parados à porta da sala a observá-lo. Mostram

interesse em saber tudo o que a criança fez durante o dia e principalmente pela higiene e alimentação. Os pais recebem o bebé em festa, dão-lhe mimos e à saída despedem-se agradecendo os cuidados da equipa educativa.

Quanto aos **pais da criança B** não vão os dois buscá-la à creche, indo a mãe a maior parte das vezes. Mostram-se calmos e tranquilos na transição do meio familiar para a creche e não questionam os adultos sobre como será o dia da criança. Entregam-na no colo do adulto e saem logo. Não telefonam para a instituição durante o dia e nem se dirigem à mesma para ver como está a criança. Contam situações vividas em casa sem mostrar preocupação relativamente aos colegas do filho.

No momento de ir receber o bebé, os pais não chamam logo pelo filho, pois ficam parados à porta da sala a observá-lo. Revelam interesse em saber tudo o que a criança fez durante o dia, principalmente pela higiene e alimentação. Fazem uma festa ao receber o bebé, dão-lhe mimos e ao ir embora despedem-se com agrado da equipa educativa.

No que respeita aos comportamentos observados nos **pais da criança C**, verifica-se que é o pai que leva sempre a criança à creche, nem sempre se mostram calmos e tranquilos na transição do ambiente familiar para a creche, mas não revelam muita ansiedade. São pais que não se interessam em saber a rotina diária da criança, não contam situações vividas em casa e não telefonam ou se dirigem à instituição para ver como está a criança. Entregam o filho no colo do adulto da sala e saem logo sem demonstrar dificuldade em abandonar o espaço. No momento de ir buscar a criança não a chamam logo, pois permanecem à porta por momentos a observar o filho. Fazem-lhe uma festa, dão-lhe mimos e agradecem o cuidado da equipa educativa. Não questionam o que a criança fez durante o dia.

Em forma de síntese, o Estudo I permitiu por um lado verificar que a grelha é de fácil aplicação e por outro lado permitiu identificar perfis de crianças e pais em contexto de creche. Os dados recolhidos em contexto de creche pretendem avaliar as competências das crianças, pais e educadores.

É possível determinar que nas três crianças observadas todas apresentam sinais de uma adaptação à creche sem complicações, num período que é de transição. Não ficam a chorar, não estabelecem logo uma interacção com os colegas e brinquedos da sala, mas aparentam ser bebés tranquilos e felizes.

O perfil destes bebés é muito semelhante, porém na criança C verifica-se somente uma diferença que é a reacção de choro quando vê os pais regressar à creche para a levar. Esta reconhece-os, mas não sorri.

Aspectos comuns entre os três casos é o não terem dificuldade em abandonar o espaço, não contactarem durante o dia com a instituição para saber como está a criança, antes de entrarem na sala para ir buscar a criança ficam sempre alguns momentos a observá-la e agradecem os cuidados prestados pela equipa educativa.

Este estudo mostrou que é possível estabelecer uma relação de comportamentos dos pais com os filhos, ou seja, a forma como os pais reagem no geral às situações e à separação e adaptação à creche neste período concreto, pode influenciar ou mesmo determinar as reacções do bebé.

Neste sentido, considerou-se que a grelha está apta para ser aplicada na realização do Estudo II.

### **6.3. Estudo II – Processo de separação da família e adaptação à creche**

No processo de separação da família e adaptação à creche, devem ser considerados os seguintes actores: bebés, pais e profissionais de educação.

#### **7.3.1. Apresentação dos resultados das grelhas de observação**

O Estudo I possibilitou a aplicação de grelhas de observação a outra amostra que constitui o Estudo II. Após este instrumento ter sido testado no primeiro Estudo, o mesmo sofreu algumas alterações nomeadamente o acréscimo de novos itens para de seguida ser aplicado a um segundo grupo de crianças, desta vez constituído por 15 bebés inseridos no berçário entre os oito e os 13 meses e seus pais com idades entre os 26 e os 41 anos, no período decorrente após os primeiros dois meses de integração na creche, um dia por semana durante três semanas.

Esta segunda versão permite recolher dados sobre os comportamentos dos bebés e dos pais no seu processo de separação e adaptação à creche no momento em que os pais entregam o filho e no momento em que o vão receber de novo. Procura-se perceber como reagem os pais à transição da criança para a creche, conhecer as preocupações dos pais no processo de separação com a criança, de que forma é vivenciada esta transição,

que tipos de vínculos se encontram estabelecidos e como é que os bebés reagem à transição para um ambiente desconhecido na ausência das figuras parentais (ver apêndice D).

Desta forma, no total das 45 observações, é possível concluir que a maioria dos bebés não fica a chorar quando deixados pelos pais (71,1%) e os bebés que choram (11,1%), a situação não se verifica durante todo o dia, predominando apenas no período da manhã (28,8%). A maioria dos bebés sorri ao chegar à sala (86,6%), aparentam calma e tranquilidade (34%), contudo verifica-se uma pequena percentagem de bebés que às vezes grita (4%), mas a grande maioria parecem ser bebés felizes (88,8%). Dentro da sala as crianças procuram logo um brinquedo (82,2%) e normalmente estendem os braços para quem está a receber (75,5%). É um grupo de bebés que se sente confortado no colo da educadora ou auxiliar (88,8%), mas alguns reagem mal à entrada de outro adulto na sala que não os habituais (6,6%)

Os bebés permanecem na creche com objecto transitório, neste caso a chupeta (80%), chuchar no dedo apenas (13,3%), alimentam-se bem (77,7%) e dormem bem a sesta (95,5%). No momento da entrega das crianças aos pais, todas reconhecem as figuras parentais (100%), um pequeno número chora quando os vê (8,8%) e quase todas sorriem à chegada da pessoa que a vem buscar (95,5%).

O quadro que se segue constitui uma síntese dos comportamentos observados na amostra de crianças do Estudo II, com as respectivas percentagens de ocorrência.

**Quadro 5:** Comportamentos observados nos **Bebés** na situação de Recepção e na situação de Entrega

Dimensões	Comportamentos Observados na Recepção	Sim %	Não %	Às vezes %	Dimensões	Comportamentos Observados na Entrega	Sim %	Não %	Às vezes %
Choro	<b>R1.</b> Fica a chorar.	11,1	71,1	17,7	Reencontro com a família	<b>E1.</b> O bebé reconhece as figuras parentais.	100,0		
	<b>R2.</b> O choro mantém-se durante todo o dia.		97,7	2,2		<b>E2.</b> Chora quando vê os pais.	8,8	84,4	6,6
	<b>R3.</b> Chora mais no período da manhã.	28,8	64,4	6,6		<b>E3.</b> O bebé sorri à chegada da pessoa que o vem buscar.	95,5		4,4
	<b>R4.</b> Chora mais no período da tarde.	11,1	88,8		Despedida da creche	<b>E4.</b> Chora quando vai embora.	4,4	95,5	
Sorriso	<b>R5.</b> Sorri.	86,6	6,6	6,6		<b>E5.</b> Quando um adulto se aproxima da porta, o bebé demonstra desejo de ser levado com essa pessoa.	6,6	86,6	6,6
	<b>R6.</b> Fica apática.	4,4	93,3	2,2	<b>E6.</b> Despede-se dos colegas e adultos à saída.	64,4	24,4	11,1	
Comunicação com o meio	<b>R7.</b> Não concentra o olhar numa pessoa ou coisa.		95,5	4,4					
	<b>R8.</b> Grita.	4,4	86,6	8,8					
	<b>R9.</b> Aparenta calma e tranquilidade.	75,5	15,5	8,8					
	<b>R10.</b> Mostra ser um bebé feliz.	88,8	11,1						
	<b>R11.</b> Mostra ser um bebé triste.	2,2	86,6	11,1					
	<b>R12.</b> Comunica logo com os outros.	68,8	24,4	6,6					
Separação da família	<b>R13.</b> Procura um brinquedo.	82,2	8,8	8,8					
	<b>R14.</b> Pede colo.	31,1	37,7	31,1					
	<b>R15.</b> Estende os braços para quem está a receber.	75,5	6,6	17,7					
	<b>R16.</b> Brinca com quem está a receber fazendo o jogo de ir/não ir para o seu colo.	20,0	53,3	26,6					
	<b>R17.</b> Agarra-se aos pais.	20,0	44,4	33,3					
Permanência no ambiente	<b>R18.</b> Fixa os olhos na Mãe/Pai.	51,1	20,0	28,8					
	<b>R19.</b> Conforta-se no colo da educadora ou aj. acção educativa.	88,8	4,4	6,6					
	<b>R20.</b> Reage mal à entrada de outro adulto na sala que não os habituais.	6,6	91,1	2,2					
	<b>R21.</b> A criança tem objecto transitório e permanece com ele.	80,0	20,0						
	<b>R22.</b> Chucha no dedo.	13,3	86,6						
	<b>R23.</b> Usa chupeta.	80,0	20						
	<b>R24.</b> A alimentação corre bem.	77,7	6,6	15,5					
	<b>R25.</b> Dorme bem a sesta.	95,5	4,4						

No que concerne à análise dos comportamentos dos pais de bebés deixados no berçário, retiram-se as seguintes conclusões:

Constata-se ser maioritariamente a mãe a levar a criança à creche (71,1%) e os pais em geral apresentam-se calmos e tranquilos na transição do seu bebé para o meio escolar (80%). A maioria dos pais não mostra interesse em saber mais sobre a rotina diária da criança (80%) e ao entregar o filho deixam-no no colo da educadora ou auxiliar (88,8%), sendo que (77,7%) saem logo, porém outros apresentam dificuldade em abandonar o espaço (15,5%) ficando escondidos ainda a observar o comportamento da criança. São pais que nunca telefonam ou se dirigem à instituição para saber notícias da criança (100%), demonstram confiança na equipa educativa (86,6) e partilham com a mesma, situações vividas em casa (82,2%).

Chegado o momento de os pais voltarem para receber a criança na creche, nem todos os pais chamam pelo filho logo que chegam à sala (11,1%), contudo sucede que uma considerável percentagem de pais fica parada à porta a observar o filho antes de entrar (46,6%). Por fim, mimam o bebé quando o recebem (97,7%) e despedem-se com agrado da equipa educativa (95,5%).

O quadro que se segue constitui uma síntese dos comportamentos observados nos pais do segundo grupo de crianças com as respectivas percentagens de ocorrência.

**Quadro 6:** Comportamentos observados nos pais na situação de Entrega e na situação de Recepção da Criança

Dimensões	Comportamentos Observados na Entrega	Sim %	Não %	Às vezes %	Dimensões	Comportamentos Observados na Recepção	Sim %	Não %	Às vezes %
Quem leva a criança	E1. É o Pai que leva a criança.	8,8	55,5	35,5	Reencontro com o filho	R1. Chamam logo pelo filho assim que chegam à sala.	88,8	11,1	
	E2. É a Mãe que leva a criança.	71,1	6,6	22,2		R2. Ficam parados à porta da sala a observar a criança, antes de entrarem.	2,2	51,1	46,6
	E3. Pai e Mãe entregam a criança.	22,2	64,4	13,3		R3. Mostra interesse em saber tudo o que a criança fez durante o dia.	82,2	11,1	6,6
Separação do filho	E4. Revelam ansiedade/insegurança.	22,2	68,8	8,8		R4. Interessam-se essencialmente pela higiene e alimentação da criança durante esse dia.	66,6	31,1	2,2
	E5. Apresentam calma e tranquilidade na transição.	80,0	17,7	2,2		R5. Fazem uma “festa” ao receber o filho.	88,8	11,1	
Emoções à saída	E6. Emocionam-se soltando uma lágrima na separação com o filho.	4,4	93,3	2,2		R6. Não revelam nem alegria nem tristeza ao ir buscar a criança.	4,4	95,5	
	E7. Questionam tudo acerca da rotina diária da criança.	20,0	80,0			R7. Dão mimos e beijam a criança quando a recebem.	97,7	2,2	
	E8. Questionam o adulto acerca do que a criança fará nesse dia.		97,7	2,2	Agradecimentos	R8. Agradecem o cuidado da equipa e despedem-se com agrado.	95,5	4,4	
	E9. Entregam a criança no colo da educadora e/ou auxiliar.	88,8	2,2	8,8					
	E10. Entregam a criança e saem logo.	77,7	15,5	6,6					
	E11. Só saem quando a educadora os convida a sair.	13,3	86,6						
	E12. Após a entrega da criança ainda permanecem à porta ou escondidos.	15,5	84,4						
	E13. Demonstram dificuldade em abandonar o espaço.	15,5	75,5	8,8					
	E14. Na intenção de entregar a criança, deixa-se permanecer com o filho ao colo.	8,8	84,4	6,6					
	Preocupações dos pais	E15. Telefona para a Instituição durante o dia a saber informações da criança.		100,0					
E16. Dirigem-se à Instituição durante o dia para ver como a criança se encontra.			100,0						
E17. Mostram preocupação relativamente aos outros colegas do grupo.		17,7	82,2						
E18. Demonstram confiança na equipa educativa da sala.		86,6	13,3						
E19. Contam situações vividas em casa.		82,2	8,8	8,8					

### **6.3.2. Focus Group (Adaptação dos pais face à integração dos filhos na creche)**

No sentido de conhecer mais profundamente os resultados, atitudes e comportamentos dos pais face ao processo de integração dos seus filhos na creche, realizou-se um *focus group* na primeira reunião de pais do berçário 1 da Creche e Jardim-de-Infância do Montinho. O grupo de crianças deste berçário é composto por oito bebés, sendo que estavam presentes na reunião oito mães e um pai; a coordenadora pedagógica da instituição; a educadora de infância e a ajudante de acção educativa, fazendo um total de 12 pessoas.

A reunião pretendia dar a conhecer aos pais o que iria ser feito ao longo do ano com os seus filhos e o que até àquele momento estava a ser realizado. Terminado este momento, a educadora abordou o tema da separação da família e adaptação do bebé à creche com a técnica do *focus group*, explicando no que esta consistia, qual o seu propósito e para que tal acontecesse era imprescindível a colaboração dos pais presentes. Prontamente aceitaram o desafio de debater algumas questões num ambiente de diálogo e partilha de vivências. O objectivo da sua aplicação é identificar o tipo de adaptação; perceber como os pais vivenciam o momento da separação e conhecer as preocupações dos pais, (ver apêndice II).

O *focus group* teve a duração de 40 minutos, assistindo-se a variadas expressões, desde risos, “Não houve choros nem da parte da mãe nem da parte do filho”, vozes mais contidas, em que apenas uma mãe mencionou não se sentir muito à vontade para falar em público, momentos de angústia já vividos e que actualmente estão ultrapassados, “Fartei-me de chorar, mas agora já não”.

Das intervenções dos participantes destacam-se algumas: “Se ficarmos descansadas quando eles aqui ficam, a separação não se transforma em algo tão mau, é uma ansiedade momentânea.”; “Nunca a vim trazer de manhã, mas acho que também chorava. O meu marido é que é um descontraído.”; “Eles choram numa tentativa de os levamos e enquanto nós ali permanecermos, a oportunidade de irem embora está de pé.”; “Acho que a pior coisa que uma pessoa faz é olhar para trás. Prolongar este tempo de separação é terrível.”; “É uma sensação de abandono, por mais que saibamos que é assim e a deixe bem. Eu tirei o dia, fui para casa e chorei como não chorava há anos.”

No final, este momento foi considerado por todos de forma muito positiva, pois todas as mães estavam a sentir o mesmo, mas até ali não tinham tido oportunidade para partilhar o que sentiam com quem estava a vivenciar o mesmo problema da separação/adaptação,

tal como referem algumas das intervenientes, “Gostei muito”; “Falámos de coisas que entre nós não falaríamos lá fora”.

### **6.3.3. Questionário aos pais de bebés em berçário - creche**

Foi aplicado um questionário aos pais do Estudo II e dos 15 pais inquiridos, apenas 13 preencheram e entregaram o seu questionário. Estes deram a sua opinião acerca de questões relacionadas com a adaptação da criança à creche; separação da família; preocupações dos pais; vinculação da criança com os pais; bem-estar físico e mental da criança; planificação e necessidades dos pais. O inquirido podia variar a sua resposta entre o “não concordo, concordo pouco, concordo e concordo plenamente” (ver apêndice III).

Após efectuada a análise das percepções dos pais, é possível verificar que os mesmos concordam plenamente acerca do seu filho ter feito uma boa adaptação à creche (53,8%), são pais que se consideram pouco ansiosos, mas as opiniões variam bastante (46,2%) e quando deixam o bebé no berçário a chorar tendo eles que sair rapidamente, concordam que seja um processo normal (84,6%).

A amostra concorda pouco em não abandonar o espaço da creche enquanto não têm a certeza que a criança fica bem (53,8%), não concordam que a separação e adaptação tenham sido mais difícil para o pai, concordam sim que tenha sido mais difícil para a mãe (53,8%) contra (23,1%). No que concerne às preocupações dos pais, concordam plenamente em como os cuidados de higiene praticados com o bebé no berçário assumem uma importância especial (61,5%) apenas concordam que os carinhos e os mimos que são dados ao bebé sejam o mais importante (61,5%) e concordam que uma sala bem equipada de materiais seja extremamente importante (53,8%).

Os pais revelam também que concordam plenamente que os profissionais de educação a quem entregam o seu bebé são de confiança (76,9%) e concordam pouco acerca dos mesmos precisarem de ter mais formação na área da separação/adaptação (53,8%).

Relativamente ao facto de agora que a criança frequenta a creche, pai e mãe gostarem de se sentir mais integrados no seu processo de desenvolvimento, as opiniões dividem-se de igual modo entre o concordo pouco e o concordo com (38,5%) e são pais que concordam ter noção dos vínculos que os unem ao filho (53,8%). Concordam que é durante a gravidez que se devem promover vínculos afectivos com o feto (53,8%),

concordam que tal deve ser feito através de música calma (53,8%) em que apenas (7,7%) diz não concordar com esta questão.

Quanto ao conceito de durante a gravidez existir a preocupação de criar vínculos através de exercícios de descanso e relaxamento, os pais não concordam (76,9%), tal como também não concordam com a prática de massagens e carinho na barriga para a promoção de vínculos afectivos (100%), porém (23,1%) já concorda com a prática de conversas com o feto. O estabelecimento de vínculos não é uma preocupação igual por parte do casal (61,5%) sendo a maioria das vezes estabelecidos pela mãe (53,8%). Acerca do que une estes pais ao seu filho, concordam que são laços de carinho, afecto, ternura e perante a opção de ser laços de sangue concordam pouco (61,5%). A maioria dos pais encontra-se plenamente de acordo ao considerarem o bebé como parte deles, mesmo antes de nascer (53,8%), porém só o consideram como real e presente após o nascimento.

Quase todos os pais concordam que a creche favorece o bem-estar do bebé (76,9%) e por conseguinte devem nesta faixa etária adquirir hábitos de grupo desde muito cedo. Cerca de metade da amostra sofre quando o bebé evidencia mal-estar na separação com os pais (53,8%), alguns pais consideram que o filho chora mais em casa desde que foi para a creche (38,5%) e estão de acordo em como a transição do meio familiar para a creche pode afectar negativamente o desenvolvimento do bebé até aos 12 meses (61,5%). Quanto à separação e planeamento da ida do bebé para a creche, é algo pensado durante a gravidez (61,5%), mas grande parte não se informa nem procura aquela que consideram a instituição certa (38,5%).

O facto de o bebé frequentar a creche deve-se exclusivamente à necessidade dos pais (69,2%) pois encaram esse facto como um mal necessário (76,9%) e não sentem falta da existência de um espaço destinado a acolher os pais de bebés em adaptação (76,9%).

O quadro 7 representa as opiniões dos pais acerca do questionário com as respectivas percentagens.

**Quadro 7:** Questionário aos pais de bebés em berçário

Dimensões	Questões	Não Concordo %	Concordo Pouco %	Concordo %	Concordo Plenamente %
Adaptação da criança à creche	1-Concordo que o meu filho fez uma boa adaptação à creche.		7,7	38,5	53,8
	2-O meu filho teve algumas dificuldades de adaptação.	69,2	15,4	7,7	7,7
Separação da família	3-Sou mãe/pai ansioso(a).	15,4	46,2	30,8	7,7
	4-Quando deixo o meu bebé no berçário a chorar, considero um processo normal, saindo eu rapidamente.	7,7		84,6	7,7
	5-Considero que não devo sair enquanto não tenho a certeza que a criança fica bem.	15,4	53,8	30,8	
	6-A separação e adaptação foram mais difíceis para a mãe.		30,8	53,8	15,4
	7-A separação e adaptação foram mais difíceis para o pai.	53,8	23,1	23,1	
Preocupações dos pais	8-Os cuidados de higiene praticados com o bebé no berçário, têm para mim uma importância especial.			38,5	61,5
	9-Na minha opinião, o carinho e os mimos que dão ao meu bebé é o mais importante.	7,7		61,5	30,8
	10-Uma sala bem equipada de materiais é extremamente importante.		30,8	53,8	15,4
	11-Os profissionais a quem entrego o meu bebé são de confiança.			23,1	76,9
	12-Os profissionais de educação devem ter mais formação na área da separação/adaptação.	7,7	53,8	38,5	
	13-Enquanto mãe/pai, gostava de me sentir mais integrada(o) no processo de desenvolvimento do meu bebé agora que frequenta a creche.	7,7	38,5	38,5	15,4
Vinculação da criança com os pais	14-Tenho noção dos vínculos que me unem ao meu bebé.			53,8	46,2
	15-É durante a gravidez que se devem promover vínculos afectivos com o feto.		7,7	53,8	38,5
	16-Durante a gravidez devo preocupar-me em criar vínculos através de música calma.	7,7	30,8	53,8	7,7
	17-Durante a gravidez devo preocupar-me em criar vínculos através de exercícios de descanso e relaxamento.	76,9	23,1		
	18-Durante a gravidez devo preocupar-me em criar vínculos através de massagens e carinho na barriga.	100,0			
	19-Durante a gravidez devo preocupar-me em criar vínculos através de conversas com o feto.	46,2	30,8	23,1	

	20-A maioria das vezes os vínculos eram estabelecidos pela mãe.	7,7	7,7	53,8	30,8
	21-O estabelecimento de vínculos sempre foi uma preocupação igual por parte do casal.	61,5	30,8	7,7	
	22-O que me une predominantemente ao meu filho são laços de sangue.	30,8	61,5	7,7	
	23-O que me une predominantemente ao meu filho são laços de carinho, afecto, ternura.	30,8	15,4	46,2	7,7
	24-Antes de o bebé nascer já era parte de mim.			46,2	53,8
	25-Considerarei o meu filho como real e presente após o nascimento.		7,7	53,8	38,5
Bem-estar da criança: Físico/saúde mental	26-A creche (berçário) favorece o bem-estar do meu bebé e isso dá-me segurança.	7,7		76,9	15,4
	27-Considero que bebés desta faixa etária (até 12 meses) devam adquirir hábitos de grupo desde muito cedo.			76,9	23,1
	28-Sofro bastante quando o meu bebé evidencia mal-estar na separação com os pais.		7,7	53,8	38,5
	29-A transição do meio familiar para a creche pode afectar negativamente o desenvolvimento do meu filho até aos 12 meses.			61,5	38,5
	30-O meu filho desde que foi para a creche chora mais em casa.		30,8	38,5	30,8
Planificação	31-A separação do meu filho com a ida para a creche, já era algo em que pensava durante a gravidez.		15,4	61,5	23,1
	32-Antes de colocar o meu filho na creche informei-me e procurei aquela que considero a Instituição certa.	38,5	30,8	15,4	15,4
Necessidades	33-O nosso filho só vem para a creche por necessidade de os pais irem trabalhar.			30,8	69,2
	34-Considero a ida do meu bebé para a creche como um mal necessário.			23,1	76,9
	35-Sinto falta da existência de um espaço destinado a acolher os pais de bebés em adaptação.	76,9	15,4	7,7	

#### 6.3.4. Entrevista às educadoras de infância em creche

Era fundamental conhecer a opinião dos profissionais que na sua prática contactam com os bebés e seus pais num processo de separação/adaptação à creche. Deste modo, foi efectuada uma entrevista a três educadoras de infância com actividade na sala de berçário no início do ano lectivo, em que é bem visível este processo.

O tratamento das entrevistas é pelo modo de análise de conteúdo e segundo os testemunhos dados pelas educadoras de infância A, B e C, verifica-se que quanto à

separação de cada criança com a família, todas estão de acordo ao considerar que os primeiros dias na creche são sempre complicados tanto para a criança como para a equipa educativa uma vez que não se conhecem. Segundo a educadora A, “o mais importante nesta altura é dar-lhes muita atenção e miminhos para que vão começando a ganhar confiança e a sentirem-se à vontade connosco.” (Ver apêndice IV)

Todos os grupos se adaptaram tranquilamente, contudo a educadora B teve uma criança a vir para a creche já com 24 meses que apresentava maior insegurança e na opinião da educadora C “(...) o papel dos pais é importantíssimo na preparação da entrada do bebé na creche.”

Quanto ao número de bebés que integra um grupo de berçário, consideram que quanto mais reduzido for o grupo melhor é a sua adaptação, facilita a atenção dada pelo adulto e também é mais vantajoso se a criança estiver habituada a estar com adultos e outras crianças, como refere a educadora B, “O ideal seria que cada um dos adultos da sala integrasse um número reduzido de crianças nas vivências e no espaço da sala.” O bebé que entrar na creche pela primeira vez com idade muito próxima dos 12 meses terá mais probabilidade de estranhar o ambiente novo.

O período de separação com os pais e posterior adaptação é determinante para o desenvolvimento harmonioso do bebé, pois a criança descobre que o seu mundo não é só o pai e a mãe e aos poucos vão-se estabelecendo laços afectivos com os adultos da sala e dentro do grupo, vão descobrir e explorar coisas novas, tomando consciência das suas capacidades e querendo desenvolvê-las cada vez mais. “A interiorização da rotina também contribui para este desenvolvimento.” (Educadora A) “É determinante porque uma criança tranquila e segura cresce harmoniosamente, estabelece laços, troca de afectos e explora serenamente espaços e materiais.” (Educadora B)

Acerca do ritmo de cada criança, as profissionais mencionaram que é estabelecido um equilíbrio entre o ritmo de cada uma das crianças e a rotina da instituição. Também a educadora A refere que “(...) cada caso é um caso e não existe tempo determinado para que estejam adaptados, cada criança precisa do seu tempo.”

Consideram que a adaptação tanto é difícil para a mãe como para o pai, porém “(...) as mães deixam transparecer mais a sua ansiedade e insegurança” (Educadora A).

Relativamente ao tipo de estratégias a utilizar e modo de reagir com os pais mais ansiosos e inseguros, as entrevistadas são da opinião que é fundamental transmitir confiança aos pais o mais possível, “(...) procuramos dar-lhe mais confiança explicando que nos primeiros dias de adaptação é normal as crianças chorarem porque não nos

conhecem a nós nem ao espaço e que poderão contactar-nos durante o dia ou deslocarem-se mesmo à instituição para verem as crianças. Pedimos ainda aos pais que nos primeiros dias tentem vir buscar as crianças mais cedo para que a adaptação seja feita gradualmente. Por exemplo no primeiro dia poder ficar até à hora de almoço, segundo dia ficar até à sesta, ...” (Educadora A) e “normalmente converso muito com este tipo de pais e procuro transmitir-lhes tudo o que se passa ao longo do dia com os seus filhos.” (Educadora B).

Enquanto educadoras de infância aconselham os pais a tomar as atitudes mais correctas no período de integração à creche, nomeadamente pedir aos pais para que não prolonguem o momento da separação, que telefonem mais tarde para a instituição a saber notícias do filho.

As preocupações das educadoras prendem-se essencialmente com o receio de alguma criança não se adaptar, o que causa instabilidade no grupo, e para que tal não aconteça “procuro mostrar-me e sentir-me disponível e tranquila para possibilitar que crianças e pais confiem em mim e estabeleçam laços afectivos comigo.” (Educadora B) e “tenho sempre a preocupação de dialogar com os pais da criança sobre os nossos hábitos, regras, as rotinas diárias, para que exista uma continuação de trabalho-casa-creche.” (Educadora C).

No que respeita ao ambiente educativo e sua organização, as opiniões dividem-se pois para a educadora C “(...) quando preparo a sala para receber os bebés não sinto necessidade de organizar o ambiente educativo de forma especial. Procedo de forma natural e cuidadosa, consciente do que é melhor para o seu bem-estar, a nível de espaço, segurança dos brinquedos e dos meus objectivos de trabalho.” Já a educadora B diz “procuro dar especial relevo à área das almofadas/tapete pois privilegio a afectividade” e a educadora A prefere organizar o espaço de forma a cativar as crianças com cores vivas, luminosidade e exploração livre dos materiais.

Por fim, quando todas as entrevistadas são questionadas sobre a necessidade de maior formação para lidar com a temática da separação e adaptação do bebé em idade de berçário, apenas uma refere não ter sentido até agora necessidade de mais conhecimentos, visto que até ao momento não se deparou com nenhum problema que não tivesse conseguido resolver.

O quadro 3 mostra as conclusões gerais da análise das entrevistas realizadas às educadoras

**Quadro 3:** Análise das entrevistas a três educadoras de infância em creche

Dimensões	Questões	Análise das Respostas
Adaptação da criança à creche	1- Como é feita a separação e a adaptação de cada criança?	As educadoras revelam-se unânimes na ideia de que os primeiros dias são sempre difíceis tanto para a equipa educativa, como para pais e crianças.
	2- Como são vivenciados estes momentos?	Importância dos mimos e atenção prestada nestes momentos.
	3- Como acha que cada criança se adaptou?	No geral as crianças fizeram uma boa adaptação.
	4- Um grupo com elevado número de crianças leva a que a adaptação seja mais difícil?	Um número reduzido de crianças constitui um facilitador no processo de adaptação à creche.
Desenvolvimento e bem-estar da criança	5- O período de separação da criança e posterior adaptação pode ser determinante no desenvolvimento harmonioso do bebé e suas interações? Porquê?	Destaca-se a importância deste período no desenvolvimento do bebé como um marco na sua vida que tanto pode ser positivo se existir uma transição equilibrada do meio familiar ou negativa se este período for vivenciado com inseguranças.
	6- É tido em conta o ritmo de cada criança para promover o seu bem-estar?	Existe uma tentativa de equilíbrio entre o ritmo da criança e a rotina da instituição para que todos sejam respeitados.
Separação da família	7- É mais difícil para a mãe ou para o pai?	Referência à separação vivenciada pelos pais que parece ser mais evidente nas mães, sem desvalorizar os sentimentos do pai.
Atitudes e estratégias	8- Como reagir com os pais mais ansiosos e inseguros? Que tipo de estratégia deve ser utilizada?	Salientam-se aspectos como a confiança a transmitir aos pais, explicar-lhes como se vão processar os primeiros dias e aconselhamento à realização de uma transição gradual diária.
	9- Aconselha os pais a tomar as atitudes mais correctas no período de separação e adaptação? Se sim, quais?	Destaca-se o prolongamento do momento da separação que deve ser evitado e permitir que os pais contactem com a instituição mais tarde para aos poucos irem aumentando a sua confiança.
Preocupações da educadora	10- Qual a maior preocupação?	Referência ao medo de alguma criança não se adaptar ou surgir alguma que provoque instabilidade.
Ambiente educativo	11- Organizo o ambiente educativo de forma especial para receber bebés em adaptação?	Cada grupo de bebés é recebido em ambientes diferentes consoante as percepções de cada educadora, variando entre áreas como o conforto, luz, exploração, segurança e cores.

Formação	12- Sinto falta de maior formação para lidar com a temática da separação e adaptação de crianças desta faixa etária?	Referência à importância da formação na área da temática da separação, contudo ainda não é considerada uma área de maior importância.
----------	--	---

## 7. Análise e Discussão dos Resultados

Os dados obtidos na investigação permitiram mostrar a relevância de uma boa adaptação das crianças à creche e o cuidado que lhes deve ser prestado quando elas se separam da família pela primeira vez.

O Estudo I para além de testar a grelha, permitiu tirar conclusões interessantes. Nas três crianças observadas foi possível determinar que todas elas apresentavam sinais de uma adaptação à creche sem complicações, num período que é de transição. Não ficam a chorar, não estabelecem logo uma interacção com os colegas e brinquedos da sala, mas aparentam ser bebés tranquilos e felizes.

O perfil destes bebés é muito semelhante, porém na criança C verifica-se apenas uma diferença que é a reacção de choro quando vê os pais regressar à creche para a levar. Esta reconhece-os, mas não sorri.

Relativamente aos pais destes bebés conclui-se que no caso A e B é a mãe que leva a criança à creche, sendo que e a criança C é o pai que a leva. É também na observação dos pais desta criança que se verificam alterações relativamente aos pais das outras duas crianças, mais concretamente na calma e tranquilidade que estes não apresentam no momento da transição, não mostram interesse em saber como decorreu o dia do seu filho na creche e não contam situações vividas em casa.

Aspectos comuns entre os três casos é o não terem dificuldade em abandonar o espaço, não contactarem durante o dia com a instituição para saber como está a criança, antes de entrarem na sala para ir buscar a criança ficam sempre alguns momentos a observá-la e agradecem os cuidados prestados pela equipa educativa.

O Estudo I mostrou que é possível estabelecer uma relação de comportamentos dos pais com os filhos, ou seja, a forma como os pais reagem no geral às situações e à separação e adaptação à creche neste período concreto, pode influenciar ou mesmo determinar as reacções do bebé.

Os dados obtidos vão de encontro aos autores Portugal, (1998) e Brazelton, (2009) que chamam a atenção para o facto de que “figuras parentais calorosas, afectuosas e sinceras preocupam-se com a criança, expressam afecto, frequentemente ou regularmente colocam as necessidades da criança em primeiro lugar, mostram prazer e entusiasmo com as actividades e realizações da criança e respondem com empatia e adequadamente perante os sentimentos da criança. No outro extremo, temos pais que rejeitam as suas crianças expressando isso nos seus comportamentos. Tais diferenças de atitudes têm efeitos pertinentes nas crianças, pois bebés de famílias onde predomina uma dimensão de aceitação parecem ser mais calmos e satisfeitos, mais exploradores e auto-confiantes, desenvolvendo relações mais seguras durante os dois primeiros anos de vida e “os pais deprimidos ou irritados têm tendência a dirigir esses sentimentos ao bebé, o que tem como consequência novos choros”.

No que concerne ao segundo Estudo II realizado com uma amostra de 15 bebés e seus pais, leva-nos a perceber que a maioria dos bebés quando separados dos pais na creche não fica a chorar, pelo contrário, até mostram ser crianças empáticas. Estes dados podem ser sustentados pelo facto de já estarem no seu segundo mês de integração na creche e pelo facto de se sentirem tranquilos e seguros no ambiente em que foram acolhidos. Durante os primeiros dias de creche, os bebés exibem um período de protesto, chorando e agarrando-se aos pais. Mas estes sinais acabam por desaparecer ao longo dos primeiros dois meses, sendo de extrema relevância mencionar que em separações, a angústia da criança ao estar separada da mãe está mais relacionada com a qualidade dos cuidados alternativos do que com a ausência da mãe em si (Portugal, 1998 cit. Rodriguez e Hignett, 1981).

A autora Portugal, (1998 cit. Pierrehumbert e Robert-Tissot, 1988), vem complementar este estudo referindo que a adaptação ideal a uma situação de cuidados substitutos requer da parte da criança o estabelecimento de uma relação de segurança com uma terceira pessoa, facto que não altera a relação com a mãe ou com outras pessoas do seu ambiente mais próximo. Por conseguinte, a única maneira de a criança lidar com esta situação de forma positiva reside na criação de uma aliança de confiança entre os três elementos, o bebé, as figuras parentais e a educadora e, esta investigação mostra que quando os bebés são bem tratados adaptam-se mais rapidamente que as mães.

A base de segurança materna é indispensável, pois permite a separação e a abertura ao mundo exterior, mas não é suficiente. É importante estabelecer novas relações num

quadro de objectivos comuns, onde ninguém é substituível, mas cada um desempenha relações e papéis sociais próprios.

Outro aspecto relevante neste estudo é o facto de a maior parte dos bebés se sentirem tranquilos e confortados no colo dos seus cuidadores mais recentes, mas uma percentagem reage mal à presença de estranhos, dados que se encontram em conformidade com Portugal, (1998) para quem o medo do estranho ou a ansiedade perante o estranho aparece usualmente a partir dos seis meses de vida e perdura ao longo do segundo ano, contudo nem todas evidenciam medo, como já vimos. O medo do estranho também parece relacionar-se com o desenvolvimento cognitivo, pois para se reagir perante um estranho, é preciso reconhecer que ele não é familiar. Bebés de oito meses parecem não se assustar com outras crianças, mesmo desconhecidas e frequentemente procuram-nas e gostam da sua companhia, ao contrário do que acontece na presença de adultos para quem se verifica maior desconfiança.

Assiste-se nos bebés a necessidade de permanecer com o seu objectivo transitório, neste caso a chupeta, é um grupo que dorme e alimenta-se bem e quase todos se alegram bastante com a chegada dos pais.

Relativamente à análise dos comportamentos dos pais verifica-se comparativamente ao Estudo I que continuam a ser maioritariamente as mães a levar o bebé à creche. É de salientar que mães e pais contribuem diferentemente para o comportamento dos filhos sendo esta característica um factor determinante da angústia de separação. Segundo Portugal, (1998) e Brazelton, (2009) existem diferenças nos padrões de interacção mãe-bebé e pai-bebé, ou seja, não apenas pais e mães tendem a usar diferentes estilos de separação, mas também as crianças respondem diferenciadamente à ausência do pai do mesmo sexo ou de sexo oposto. Uma interacção muito próxima indica maior perturbação na separação de pais e filhos do sexo masculino, enquanto que as mães quanto mais interagirem e se sentarem no chão com as crianças, as mais perturbadas com a separação são as filhas.

Tanto os pais como as mães têm tendencialmente expectativas diferentes e um relacionamento diferente com os filhos ou filhas desde o início, tornando-se com o passar do tempo transmissores de papéis sexuais definidos para o seu bebé.

Nesta amostra encontram-se pais geralmente calmos e seguros neste período de transição. Estes comportamentos podem ter a ver com o facto de a maioria dos pais já

não serem pais de primeira viagem, ou seja, pelo facto de já se tratar do segundo ou terceiro filho ajuda a que a separação ocorra de uma forma mais tranquila.

Nesta investigação verifica-se que os pais demonstram confiança nos cuidadores do bebé, estabelecem até ligações de partilha e não procuram a instituição para saber como está o filho. Podem sentir vontade de o fazer e até é uma medida aconselhada pelas educadoras no período de separação e adaptação para promover a confiança, mas tal não se verifica.

São pais que reconhecem com satisfação os cuidados prestados ao seu filho pela creche e de acordo com Portugal, (1998) os pais relacionam-se mais positivamente com os educadores dos seus filhos quando percebem a natureza do seu trabalho e quando estes desenvolvem relações respeitantes e aceitantes.

O *focus group*, também uma técnica utilizada neste estudo, veio dar um contributo de extrema relevância ao assistir-se em tempo real a oito mães e um pai que partilharam as suas angústias no momento de separação e como tem sido vivida a adaptação à creche, quer da parte dos pais como da criança.

Tal como Portugal (1998), refere esta temática nos seus estudos, os pais contribuíram para eficazmente para reforçar os dados da investigação e possibilitar novas representações, na medida em que falam das suas vivências. “O Rodrigo adaptou-se muito bem, não houve choros nem da parte da mãe nem da parte do filho. Acho que por ser o segundo filho é mais fácil e a confiança é muito importante”. “Quando a venho trazer de manhã, ela fica contentíssima da vida, dá os braços e não se importa que eu vá embora, portanto a adaptação tem sido óptima”. (ver apêndice II) Todos consideraram que os filhos fizeram uma boa adaptação reagindo com algum protesto no início que é considerado normal, mas que evolui positivamente até mais rapidamente que a própria adaptação dos pais.

Verifica-se que a rotina diária da criança não é algo que interesse muito os pais, sendo sim a higiene e alimentação as suas principais preocupações. A maioria dos pais deixa o bebé na creche e sai logo após a despedida, “Acho que a pior coisa que uma pessoa faz é olhar para trás, pois prolongar este tempo de separação é terrível”, porém existem alguns pais com dificuldade em abandonar a instituição ficando até escondidos a observar o comportamento da criança.

Este estudo leva a perceber que para além de serem predominantemente as mães a levar a criança à creche, são também as mães que sentem maior dificuldade na separação com o bebé e sua adaptação ao meio comparativamente aos pais. Estes dados são confirmados pelo questionário aplicado aos pais e também pelas entrevistas realizadas às educadoras de infância que mostram que a dificuldade de separação existe tanto nas mães como nos pais, porém as mães evidenciam mais os sentimentos de insegurança.

Estudos na área Brazelton, (2009:414) mostram que quando os bebés são bem tratados, adaptam-se mais rapidamente que as mães. Tanto a mãe como o pai sofrem quando deixam um filho pequeno ao cuidado de outra pessoa e subjacente a qualquer ligação intensa, encontra-se um receio profundo de perda, sentimentos de solidão, culpa, desamparo e até irritação. “Eu acho que não basta só ter confiança na instituição, pois senti que ao estar muito tempo com ela em casa, quando tive que a deixar aqui, é uma sensação de abandono, por mais que saibamos que é assim e a deixe bem. Eu tirei o dia, fui para casa e chorei como não chorava há anos”.

Abordando os questionários a que os pais foram sujeitos, é possível concluir que os pais sofrem quando o bebé se manifesta pelo choro e compreendem o processo de separação em que a melhor atitude é não prolongar a despedida. A ida do bebé para a creche constitui um mal necessário por não restar outra alternativa aos pais. Tal como vimos no Estudo I, os cuidados de higiene praticados com o bebé continuam a assumir uma importância especial bem como o carinho e afecto. Para os pais uma sala bem equipada de materiais não constitui uma preocupação fundamental, porém relacionando estes dados com as percepções das educadoras entrevistadas, estas são unânimes quanto à importância que este momento de transição tem na vida da criança e têm o cuidado de preparar o ambiente educativo com vista à promoção do bem-estar nos bebés, privilegiando áreas de conforto e momentos de afectividade que do seu ponto de vista pode influenciar positivamente a adaptação do bebé à creche.

Os pais revelam ainda que confiam nos profissionais de educação a quem entregam o seu bebé e não sentem que os mesmos precisem de maior formação na temática da separação/adaptação. Contudo, também as educadoras confrontadas com a mesma questão fazem referência à importância da formação, mas ainda não é vista por elas como uma área de maior relevância.

Portugal (1998) citando Mantynen (1994) e Abbott e Moylet (1997), chama a atenção para a importância da formação específica do adulto que trabalha na creche. “A qualidade da educação formal obtida por um educador é o factor que melhor prediz o desempenho adequado por parte do profissional, emergindo a formação especializada como um factor preditor adicional nas salas de creche (...) o nível de educação formal predizia melhores cuidados caracterizados por sensibilidade, menos aspereza e menos distância emocional.” Whitebrook, Howes e Phillips (1990) citado em Calder, (1991).

É de salientar nesta investigação que apenas metade da amostra de pais diz ter noção dos vínculos que os une ao filho, facto que constitui um indicador de que ainda existe algum caminho a percorrer neste sentido com chamadas de atenção para o estabelecimento de vínculos seguros e responsáveis desde a gravidez. Os dados revelam desinteresse ou talvez uma desacreditação dos efeitos que a interacção e a afectividade produzem no feto, nomeadamente o total desacordo pela prática de massagens e carinho na barriga da mãe para a promoção de vínculos afectivos, contudo já se verifica um pequeno número de pais a concordar com a prática de conversar com o feto.

Tendo sido já abordado anteriormente o desenvolvimento da criança dos 0-12 meses no enquadramento teórico desta investigação, constata-se que mesmo antes de nascer, o feto mostra competências físicas e emocionais. Ao longo do processo de gestação desenvolvem-se os sentidos, logo ainda na barriga da mãe o feto ouve, e se forem músicas suaves, após o nascimento o bebé reconhece-as, sente o toque no útero e vai apurando os seus sentidos, o que revela que existe uma continuidade entre a vida fetal e vida pós-natal. Também o estado emocional da grávida ao longo da gestação é determinante, uma vez que influencia o desenvolvimento do bebé, Ziegel e Ceranley, (1985).

Por conseguinte, o estabelecimento de vínculos não é uma preocupação igual por parte do casal, sendo a maioria das vezes estabelecidos pela mãe. Leva-nos a perceber que a participação do pai nos cuidados com o feto para a criação de vínculos fortes deve ser promovida cada vez mais. Facto este também reforçado por Brazelton, (2009) que diz que quando se mostram aos pais os filhos recém-nascidos, eles envolvem-se muito mais no apoio que dão às esposas. Que todos os serviços de neonatologia procurassem incluir os pais na demonstração de todos os cuidados que prestam aos bebés, compartilhando com eles todas as coisas maravilhosas que um recém-nascido é capaz de fazer.

Seguramente que estes pais também criam expectativas e imagens do bebé nas suas cabeças, porém só o consideram como real e presente após o nascimento.

Quanto ao planeamento da ida do bebé para a creche, verifica-se que é um momento pensado durante a gravidez, mas nem todos os pais se informam ou procuram com antecedência, aquela que possa ser a instituição adequada para o seu filho.

Para finalizar esta investigação, considerou-se pertinente auscultar a opinião das educadoras de infância a trabalhar em creche, uma vez que conhecem e vivem de perto o triângulo entre bebé, pais e profissional de educação num processo de separação e adaptação à creche. Já foram focadas anteriormente as suas percepções acerca da organização e cuidado que têm com o ambiente educativo, a pouca importância que ainda é atribuída à formação nesta temática, tal como a referência à dificuldade por parte da mãe nos momentos de separação com o filho. Contudo é fundamental conhecer e perceber o tipo de estratégias utilizadas neste processo e no geral as educadoras destacam a confiança como o principal a atingir com os pais. Esta consegue-se através de uma abertura da equipa e da própria instituição à presença dos pais, colocando-os a par de tudo o que acontece com o seu bebé durante o dia, aconselhando-os a fazer uma transição gradual, a não prolongar as despedidas e se permanecerem muito angustiados que telefonem para a instituição.

Estes dados encontram-se em conformidade com o autor já referido Brazelton, (2009:502) que afirma que a criança é o melhor indicador do ambiente em que está a ser criada. Os pais podem e devem aparecer inesperadamente na creche, pois possibilita aprender muito observando uma educadora juntas, deve existir um trabalho de colaboração para se desenvolver uma rotina de separação.

No que concerne ao grupo de crianças, as educadoras são da opinião que quanto mais reduzido for o grupo, mais atenção e melhores cuidados serão prestados ao bebé. O mesmo é defendido por Brazelton, (2009:502) em que o número de crianças por adulto não deve exceder três ou quatro no que respeita a bebés.

Por fim é consensual que o período de separação da criança com os pais e a adaptação a uma realidade estranha é determinante para o desenvolvimento harmonioso do bebé, pois segundo Brazelton (2009), a capacidade de distinguir as diferenças entre os estranhos e os pais é reconhecível já no comportamento de uma bebé de seis semanas de idade. A ansiedade que demonstram perante os estranhos aos cinco meses, oito e um

ano de idade não representa uma consciencialização súbita da diferença entre estes e os pais, representa antes um aumento da consciencialização dos actos e da sua capacidade de reagir. Por volta dos oito meses a crise é ainda mais intensa e mesmo que esteja em segurança nos braços da mãe, vê isso como uma invasão. Está cada vez mais consciente dos novos locais e pessoas, então não é o melhor momento de deixar o bebé com estranhos sem lhe dar primeiro a oportunidade de os conhecer. Depois de ter passado este período, que dura cerca de um mês, o bebé estará sensível a novas experiências, mas terá aprendido a controlá-las. O mesmo sucede aos 12 meses e aos 24, por isso é tão importante que os pais preparem o bebé sempre que têm de sair. No princípio deixarem o bebé por curtos espaços de tempo e progressivamente irem aumentando gradualmente esses períodos, como referem as educadoras na entrevista, é uma solução positiva para minimizar efeitos negativos no seu desenvolvimento, uma vez que está a ser desenvolvido o conceito de independência e o de afastamento, mas à medida que o faz torna-se cada vez mais dependente.

Em suma, poucas pessoas, homens e mulheres, têm um conhecimento inato de como educar bem os filhos. Têm de aprender à custa de tentativas e de erros. Para os pais que aprenderam a ser perfeccionistas no local de trabalho e que aprenderam a não cometer erros, essa nova tarefa pode parecer assustadora e chegar à conclusão de que a qualidade da vida é mais importante do que apenas ter sucesso no local de trabalho, hoje em dia tanto o pai como a mãe têm de ter isso presente.

A constatação de que muitas crianças não são afectadas pela situação de privação ou perturbação materna chama a atenção para as diferenças individuais nos comportamentos das crianças e para a importância da exploração das razões da aparente invulnerabilidade destas mesmas crianças. Neste sentido para perceber o desenvolvimento e bem-estar da criança deve ser tido em conta a natureza da interacção adulto-criança e implicações no desenvolvimento, relações entre experiências de infância e comportamento parental; importância dos factores envolventes e factores protectores que permitem à criança desenvolver-se adequadamente apesar de condições desfavoráveis. Sendo assim, os contextos em que os comportamentos ocorrem devem ser tidos em conta, pois claramente influenciam os comportamentos da criança.

## **Parte III – Proposta e Desenvolvimento do Projecto de Intervenção**

### **8. Projecto de Intervenção – Apoio à Separação da Família e Adaptação à Creche**

#### **8.1. Fundamentação do Projecto**

No processo de separação da família e adaptação à creche, é fundamental aprofundar a importância dos cuidados e da vinculação estabelecida entre as figuras parentais e o bebé, bem como os vínculos que surgem na tríade pais, bebé, educador, uma vez que, como já foi dado a conhecer anteriormente, a qualidade da vinculação e dos cuidados prestados influenciam determinadamente a qualidade das relações. Por conseguinte, em conformidade com os resultados apresentados na investigação realizada, este processo só tem a ganhar quando todos se envolvem de uma forma saudável partilhando as suas experiências em grupo e com a presença da educadora da sala, não menos importante ao longo de todo o processo. Assim sendo, considerou-se que seria uma mais valia realizar uma intervenção dirigida a três níveis: pais com filhos em creche; pais da comunidade em geral e educadoras de infância a exercer actividade em creche.

No que respeita à classe dos pais de bebés que foram inseridos recentemente num berçário de creche ou que ainda não frequentem a mesma, fará sentido a criação de uma acção ao nível da formação de pais para promover uma boa adaptação do seu filho à situação de transição da família para a creche.

O educador de infância também tem um papel fundamental a desempenhar no processo de separação e adaptação. Este deve ser o porto seguro do bebé na ausência da mãe e, se assim for, está provado que os pais ganham mais segurança no processo de transição. Porém, o que acontece muitas vezes é que alguns educadores não estão habituados a trabalhar na valência de creche. Estão inseridos em jardim-de-infância por preferência dessa faixa etária ou por coincidência e o dia em que iniciam actividade na primeira infância e se deparam com um grupo de bebés a chorar, existe inevitavelmente um processo de adaptação também para o educador. Surgem dúvidas e receios na forma de agir com os bebés e os seus pais, e por vezes as reacções não são as mais adequadas num período que é tão importante.

Esta acção dirigida às educadoras pretende efectivamente ser uma ajuda aos profissionais de educação nesta área e ir tanto quanto possível ao encontro das suas necessidades. Uma vez que a primeira infância ainda não é considerada pelas entidades governamentais uma área de grande importância, a informação que existe sobre a creche tem vindo a ser construída pouco a pouco por quem trabalha na área e como tal considera-se que compete aos educadores de infância valorizar a educação, o cuidado, o desenvolvimento e o bem-estar dos bebés de hoje que serão os adultos de amanhã.

O projecto “Apoio à separação da família e adaptação à creche” pretende como principais objectivos colmatar as lacunas dos pais ao nível da separação quando o seu filho transita para a creche, ajudar os pais a promover a sua boa adaptação à creche e colmatar igualmente as falhas que existem na actuação das educadoras de infância, representadas no Estudo II, e que de uma maneira geral, mostraram-se sensíveis à importância da formação nesta temática, uma vez que não existe formação específica para a valência de creche, nem na área específica da separação da família e adaptação à creche.

O projecto decorrerá sob a forma de diferentes acções em locais distintos.

## **8.2. Desenvolvimento das acções**

A primeira acção a desenvolver é referente aos pais de bebés que foram inseridos recentemente num berçário de creche, e em consequência da investigação realizada, terá sentido a criação de um projecto ao nível da formação de pais. Esta acção abrange as áreas específicas da separação da família e adaptação à creche, bem como temas relacionados com a promoção dos cuidados ao bebé e criação de vínculos afectivos de qualidade entre pais e bebé. A acção inicia com uma exposição de dúvidas, receios e expectativas dos pais em relação ao tema, seguidamente são abordados os temas da separação e vinculação; desenvolvimento do bebé, adaptação ao ambiente educativo e atitudes e estratégias a desenvolver no futuro.

Os pais sejam eles pais pela primeira vez ou não, poderão ver esclarecidas as suas dúvidas, aliviar as suas preocupações e receber alguns conselhos sobre modos de conduta a ter num período difícil tanto para as figuras parentais como para o bebé.

O curso aplica-se a pais, sem idades predefinidas, a decorrer numa sala de berçário durante cinco sessões com a duração de 1h30m e na presença da educadora de infância dos bebés.

A segunda acção a realizar sobre a temática da separação da família e adaptação à creche é dirigida aos pais da comunidade em geral que tenham um bebé pequeno que ainda não esteja inserido numa creche e que necessitem de alguns esclarecimentos tanto na adaptação à chegada de um novo membro na família, como na escolha adequada da mesma. Esta acção terá os mesmos conteúdos da acção anterior.

A sua divulgação será realizada através de um blogue informativo na internet sobre as temáticas abordadas, qual a sua duração, hora e local. As acções serão repartidas segundo as necessidades dos pais e os que preferirem podem ser atendidos individualmente por uma educadora de infância e eventualmente acompanhada por outro especialista, no gabinete de uma clínica de saúde e bem-estar. A divulgação far-se-á também em folhetos distribuídos em creches, centros de saúde, pediatrias de hospital e clínicas de saúde e bem-estar.

As acções em grupo têm um limite de 10 pais por sessão durante 1h30 numa sala polivalente da Biblioteca Municipal de Santiago do Cacém, orientadas por uma educadora de infância e outro especialista.

A terceira acção destina-se aos educadores de infância e não basta somente formar para melhor capacitar os profissionais a agir no momento da separação da família com o bebé, mas também dar-lhes a conhecer a importância dos cuidados, do estabelecimento de vínculos afectivos que existe entre ambos e que posteriormente se estenderá também à educadora, assim como salientar a relevância da interacção e partilha que deve existir entre pais e educadores.

Assim sendo, a formação será administrada nas instituições por uma educadora de infância a grupos de educadoras e auxiliares de acção educativa, sem limite de participantes, mas que normalmente não ultrapassa as 25 pessoas por sessão.

As formações são constituídas por sessões temáticas existindo sempre uma parte expositiva do tema a debater e momentos de diálogo e partilha de ideias. As acções podem ocorrer também individualmente e os temas abordados são o desenvolvimento motor, cognitivo e sócio-afectivo do bebé, a afectividade e bem-estar/ludicidade na

creche, o estudo da relação pais-educador na creche, as atitudes e estratégias a adoptar na separação e adaptação e uma análise sobre as rotinas e cuidados na creche.

O quadro 9 representa a síntese das três acções a desenvolver neste projecto. A primeira com os pais de filhos em creche, a segunda com pais da comunidade em geral e a terceira com os profissionais de educação.

**Quadro 9:** Projecto “Apoio à separação da família e adaptação à creche”

	<b>Acção 1 Pais com filhos em creche</b>	<b>Objectivos Específicos</b>	<b>Acção 2 Pais da comunidade</b>	<b>Objectivos Específicos</b>	<b>Acção 3 Profissionais de educação</b>	<b>Objectivos Específicos</b>
<b>Temáticas</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Apresentação, exposição de dúvidas e receios.</li> <li>-Separação e vinculação.</li> <li>-Desenvolvimento do bebé:</li> <li>-Adaptação ao ambiente educativo.</li> <li>-Atitudes e estratégias a aplicar na separação e adaptação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Conhecer as preocupações e necessidades dos pais.</li> <li>-Conhecer o tipo de vinculação da criança com os pais.</li> <li>-Incentivar os pais para a importância do toque no bebé.</li> <li>-Apresentar marcos essenciais do desenvolvimento do bebé.</li> <li>-Promover atitudes e comportamentos adequados neste período de transição.</li> <li>-Determinar como se processa a separação da família com a criança.</li> <li>-Fomentar a interacção e cooperação entre família e creche.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Apresentação, exposição de dúvidas e receios.</li> <li>-Separação e vinculação.</li> <li>- Desenvolvimento do bebé:</li> <li>-Adaptação ao ambiente educativo.</li> <li>-Atitudes e estratégias a adoptar na separação e adaptação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhecer as preocupações e necessidades dos pais.</li> <li>-Conhecer o tipo de vinculação da criança com os pais.</li> <li>-Incentivar os pais para a importância do toque no bebé.</li> <li>-Apresentar marcos essenciais do desenvolvimento do bebé.</li> <li>-Promover atitudes e comportamentos adequados neste período de transição.</li> <li>-Determinar como se processa a separação da família com a criança.</li> <li>-Aumentar o conhecimento dos formandos sobre as dúvidas apresentadas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Apresentação, exposição de dúvidas e receios.</li> <li>-Desenvolvimento motor, cognitivo e sócio-afectivo do bebé.</li> <li>- Afectividade e bem-estar/ludicidade na creche.</li> <li>-Estudo da relação pais-educador na creche</li> <li>- Atitudes e estratégias a adoptar na separação e adaptação.</li> <li>- Rotinas e cuidados na creche.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Conhecer as preocupações da educadora.</li> <li>-Determinar os efeitos da adaptação no desenvolvimento e bem-estar da criança.</li> <li>-Determinar como é vista a separação por parte dos pais e equipa.</li> <li>Identificar atitudes e estratégias no processo de separação e adaptação</li> <li>-Identificar o tipo de adaptação.</li> <li>Identificar cuidados específicos na rotina de creche.</li> </ul>
<b>Nº Participantes</b>	8 a 10		10 ou individualmente		25 máx.	
<b>Local</b>	Salas Berçário		Sala a polivalente ou gabinete em clínica de saúde		Creches	

<b>Duração</b>	5 sessões de 1h30min.		5 sessões de 1h30min.		6 sessões de 1h30min.	
<b>Formador</b>	Educador de Infância		Educador de Infância e outro especialista		Educador de Infância	

### **8.3. Avaliação do Projecto**

A avaliação do projecto será realizada através de um questionário de avaliação preenchido e entregue pelos formandos no final de cada acção. Os formadores através deste documento pretendem avaliar o sucesso das acções, na medida em que obtêm uma resposta de cada formando acerca do que mais gostaram que tivesse sido abordado, o que não correspondeu às suas expectativas e por fim podem apresentar algumas considerações finais e sugestões de temas que lhes despertem interesse e que gostassem de ver esclarecidos para o sucesso da sua actuação enquanto pais e educadores.

## Conclusão

Os primeiros dias e meses de vida, bem como a vinculação mãe/bebé influenciam as experiências e aquisição de competências físicas, cognitivas e sociais do bebé. O apego é o resultado de um processo marcado por sucessivas interações e encontros que a criança mantém com os adultos que dela cuidam. Este laço afectivo encontra-se estabelecido por volta dos 12 meses de idade, e é entre este período que se acentua a pertinência desta temática. O bebé e os seus pais enfrentam várias transformações num curto espaço de tempo, e todo o ambiente deve estar preparado para atender às suas necessidades da melhor forma.

Após esta investigação, é possível concluir que todas as crianças apresentam sinais de uma boa adaptação ao ambiente de creche aparentando ser bebés felizes e tranquilos. Permite estabelecer uma relação de comportamentos dos pais com os filhos, pois a forma como os pais geralmente reagem aos diversos momentos neste período de separação e adaptação à creche, pode influenciar ou mesmo determinar as reacções com o bebé. Crianças de famílias onde predomina uma dimensão de aceitação parecem ser mais calmos e satisfeitos, desenvolvendo relações mais seguras durante os dois primeiros anos de vida. Os pais deprimidos ou irritados têm tendência a dirigir esses sentimentos ao bebé, o que tem como consequência o choro. É de referir que durante os primeiros dias de creche, os bebés exibem um período de protesto, mas esses sinais acabam por desaparecer ao longo dos primeiros dois meses.

A adaptação ideal a uma situação de cuidados substitutos requer da parte da criança o estabelecimento de uma relação de segurança com uma terceira pessoa e a única maneira de a criança lidar com esta situação de forma positiva consiste na criação de uma aliança de confiança entre os três elementos: o bebé, a mãe e a educadora e este projecto mostra que quando os bebés são bem tratados adaptam-se mais rapidamente que as mães.

Relativamente aos comportamentos dos pais, verifica-se que maioritariamente são as mães que levam o bebé à creche e são também as mães que sentem maior dificuldade na separação com o bebé e sua adaptação ao meio. Pai e mãe contribuem diferenciadamente para o comportamento dos filhos constituindo um factor determinante da angústia de separação.

Grande parte dos pais já não o eram pela primeira vez e talvez a isso se deva a calma e tranquilidade que aparentavam neste período de mudança. É de salientar que momentos de partilha como o que foi vivenciado pelos pais no *focus group* deveria existir sempre nas salas de berçário e até tornar-se uma rotina nas creches. É importante esta articulação entre instituição-família, uma vez que facilita o conhecimento dos pais entre si, “quebra-se o gelo” e tranquiliza os pais que o são pela primeira vez ao ouvirem outras experiências e comprovarem que a problemática da separação é um processo normal que deve ser vivido com confiança e tranquilidade.

Para os pais a ida do bebé para a creche constitui um mal necessário por não lhes restar outra alternativa. Uma sala bem equipada de materiais não constitui uma preocupação fundamental, porém relacionando estes dados com as percepções das educadoras entrevistadas, um ambiente cuidado pode influenciar positivamente a adaptação do bebé à creche.

É de salientar nesta investigação que apenas metade da amostra de pais dizem ter noção dos vínculos que os unem ao filho, o que é um indicador de que ainda existe algum caminho a percorrer neste sentido com chamadas de atenção para o estabelecimento de vínculos seguros e responsáveis desde a gravidez, sendo a maioria das vezes estabelecidos pela mãe.

As educadoras fazem referência à importância da formação nesta temática, mas ainda não é vista como uma área de maior relevância. Defendem que a confiança é o principal elemento a atingir com os pais e sem dúvida que os contextos em que os comportamentos ocorrem devem ser considerados, pois claramente influenciam os comportamentos da criança.

Relativamente às expectativas depositadas neste projecto, considera-se terem sido atingidos os objectivos da investigação e projecto a que este se propunha.

Desde a gestação ao momento do parto, surgem muitas inseguranças, posteriormente a angústia da separação com a integração do bebé na creche, deixá-lo aos cuidados de quem não se conhece, a forma como é realizada esta adaptação de ambas as partes e como a creche e sua equipa abraçam o desafio de receber uma criança e seus pais com todos os receios normais do momento, considero que mereceu e há-de continuar a merecer ser objecto de estudo para poder-se actuar de uma forma mais positiva

promovendo contextos educativos de qualidade ao nível da educação e cuidados na primeira infância.

Em suma, esta investigação é também bastante enriquecedora para a formação dos profissionais da educação, na medida em que permite reinventar novas práticas, tal como uma melhor compreensão do processo de transição família-creche. Neste sentido pretende-se o desenvolvimento de boas práticas que permitam colmatar as dificuldades e por sua vez promover o desenvolvimento harmonioso da criança e um apoio aos pais para o entendimento do processo pelo qual estão a passar. É de salientar com relevância as formações e congressos que começam a surgir no país ao nível da parentalidade, o que demonstra a importância desta temática para a actualidade.

## Referências Bibliográficas

- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em Educação*. Um guia prático e crítico. Porto: Asa.
- Ainsworth, S., Bell, M. & Stayton, J. (1984). *El vínculo entre la madre y el bebé: la «socialización» como producto de la responsividad recíproca a las señales*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Almeida, M. (2009). A Pré-história do desenvolvimento emocional da criança. *O Portal dos Psicólogos*, pp.1-10.
- Algarvio, S., Leal, I. (2004). Preocupações parentais: Validação de um instrumento de medida. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 5 (2), pp. 145-158.
- Bardin, L. (1997). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss – Separation – Anxiety and anger* (vol.2). New York: Basic Books.
- Brazelton, T. (2009). *O Grande Livro da Criança – o desenvolvimento emocional e do comportamento durante os primeiros anos*. 11ª ed. Lisboa: Editorial Presença.
- Campenhoudt, L., Quivy, R. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva
- Em Aberto/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, (2001). *Educação Infantil: a Creche, um bom começo*. (Vol 18, nº 73, pp.1-161). Brasília.
- Faria, A., Fuertes, M. (2007). Reactividade infantil e a qualidade da interacção mãe-filho. *Análise Psicológica*, 4 (XXV), pp. 613-623.
- Fernandes, A. (1994). *Métodos e Regras para Elaboração de Trabalhos Académicos e Científicos*. Porto: Porto Editora.
- Figueiredo, B., Costa, R., Marques, A., Pacheco, A., Pais, A. (2005). Bonding – Escala para avaliar o envolvimento dos pais com o bebé. *Psychologica*, 40, pp. 133-154.
- Figueiredo, B. (2011), Encontro quase Imediato. *Pais & Filhos*. 241, 35-38.
- Figueiredo, B., (2011), Quero-te Tanto. *Pais & Filhos*. 242, 95-97

- Formosinho, J., Pinazza, M. & Kishimoto, T. (2007). *Pedagogia(s) da Infância – Dialogando com o Passado – Construindo o Futuro*. Porto Alegre: Artmed.
- Gomes, R., Pires, A., Moura, M., Silva L., Silva, S. & Gonçalves, M. (2004). Comportamento parental na situação de risco do cancro infantil. *Análise Psicológica*, 3 (XXII), pp. 519-531.
- López, J., Nuéz, A. (2004). *Manual de Atención Temprana*. Pirámide Ediciones
- Maia, J., Ferreira, B., Veríssimo, M., Santos, A., Shin, N. (2008). Auto-conceito e representações da vinculação no período pré-escolar. *Análise Psicológica*, 3 (XXVI), pp. 423-433.
- Magão, M., Leal, I. (2001). A esperança nos pais de crianças com cancro. Uma análise fenomenológica interpretativa da relação com profissionais de saúde. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 2 (1), pp. 3-22.
- Matta, I. *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. Universidade Aberta;
- Ministério do Trabalho e Solidariedade Social (1989). Decreto-Lei nº 30/89 de 24 de Janeiro. *Diário da República* nº 248.27 – Série I
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. & Vaughn, B. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 3 (XXVI), pp. 395-409.
- Neto, M., Rocha, V. & Silva, L. (2005). A Depressão Pós-Parto em Vozes que Interpretam. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 6 (1), pp. 109-115.
- Portugal, G. (1998). *Crianças, Famílias e Creches – Uma Abordagem Ecológica da Adaptação do Bebê à Creche*. Porto: Porto Editora.
- Post, J. e Hohmann, M. (2004). *Educação de Bebés em Infantários – cuidados e primeiras aprendizagens*. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Queirós, O., Goldschmidt, T., Almeida, S. & Gonçalves, M. (2003). O outro lado das Birras – Alterações de comportamento na 1ª infância. *Análise Psicológica*, 1 (XXI), pp. 95-102.
- Ramos, M., Canavarro, M. (2007). Adaptação parental ao nascimento de um filho: Comparação da reactividade emocional e psicossintomatologia entre pais e mães nos

primeiros dias após o parto e oito meses após o parto. *Análise Psicológica*, 3 (XXV), pp. 399-413.

- Rey, L. (1987). *Planejar e Redigir Trabalhos Científicos*. São Paulo: Edgard Blucher.
- Rodrigues, A., Figueiredo, B., Pacheco, A., Costa, R., Cabeleira, C. & Magarinho, R. (2004). Memória de cuidados na infância, estilo de vinculação e qualidade da relação com pessoas significativas: Estudo com grávidas adolescentes. *Análise Psicológica*, 4 (XXII), pp. 643-665.
- ROJO, C, et.al, (2006), *Lua Cheia 0-1 ano*. Ed.Mundicultura, Lda: Lisboa.
- Silva, R., Veríssimo, M. & Santos, A. (2004). Adaptação psicossocial da criança ao pré-escolar. *Análise Psicológica*, 1 (XXII), pp. 109-118.
- Silva, P., Eira, C., Pombo, J., Silva, A., Silva, L., Martins, F., Santos, G., Bravo, P. & Roncon, P. (2003). Programa clínico para o tratamento das perturbações da relação e da comunicação, baseado no Modelo D.I.R. *Análise Psicológica*, 1 (XXI), pp. 31-39.
- Silva, P., Eira, C., Vicente, M. & Guerreiro, R. (2003). Promoção do desenvolvimento psicossocial das crianças através dos serviços de cuidados de saúde primários. *Análise Psicológica*, 1 (XXI), pp. 59-76.
- Veríssimo, M., Alves, S., Monteiro, L. & Oliveira, C. (2003). Ansiedade de Separação Materna e Adaptação Psicossocial ao Pré-escolar. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4 (2), pp. 221-229.
- Veríssimo, M., Monteiro, L., Vaughn, B. & Santos, A. (2003). Qualidade da vinculação e desenvolvimento sócio-cognitivo. *Análise Psicológica*, 4 (XXI), pp.419-430.
- Viana, V., Almeida, J. (1998). Psicologia pediátrica: Do comportamento à saúde infantil. *Análise Psicológica*, 1 (XVI), pp. 29-40.
- Wallon, D. & De Willed, M. *O seu filho do nascimento aos seis anos*. Editora Persona.
- Winnicott, W. (1995). *Documentos seleccionados da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves

## Referências Web gráficas

- [www.seg-social.pt](http://www.seg-social.pt)
- [www.serprofessoruniversitario.pro.br](http://www.serprofessoruniversitario.pro.br)
- [www.scielo.pt](http://www.scielo.pt)
- [www.pordata.pt](http://www.pordata.pt)
- [www.psicologia.com.pt](http://www.psicologia.com.pt)
- <http://pensamentos.aaldeia.net>
- [http://pt.wikipedia.org/wiki/focus\\_group](http://pt.wikipedia.org/wiki/focus_group)
- [www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org)